

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

Luana Aghata Joana Costa de Araujo

**CAMINHOS ATRAVÉS DA SENSORIALIDADE PARA UMA EDUCAÇÃO
SENSÍVEL COM A DANÇA**

Goiânia
2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): **LUANA AGHATA JOANA COSTA DE ARAUJO**

Título do trabalho: **Caminhos através da sensorialidade para uma educação sensível com a dança**

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [x] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Valéria Maria Chaves De Figueiredo, Professor do Magistério Superior**, em 11/06/2021, às 16:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **LUANA ÁGHATA JOANA COSTA DE ARAÚJO, Discente**, em 14/06/2021, às 17:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

14/06/2021

SEI/UFG - 2126286 - Termo de Ciência e de Autorização TCCG (RI)



[https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2126286** e o código CRC **D9F9E3EA**.

Referência: Processo nº 23070.027463/2021-23

SEI nº 2126286

Luana Aghata Joana Costa de Araujo

**CAMINHOS ATRAVÉS DA SENSORIALIDADE PARA UMA EDUCAÇÃO
SENSÍVEL COM A DANÇA**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Dança da Faculdade de Educação Física e Dança, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Dança pela Universidade Federal de Goiás.

Professora Orientadora: Dra. Valéria Maria Chaves de Figueiredo

Goiânia
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

DE ARAUJO, LUANA AGHATA JOANA COSTA
CAMINHOS ATRAVÉS DA SENSORIALIDADE PARA UMA
EDUCAÇÃO SENSÍVEL COM A DANÇA [manuscrito] / LUANA
AGHATA JOANA COSTA DE ARAUJO. - 2021.
CIV, 104 f.

Orientador: Profa. Dra. Valéria Maria Chaves Figueiredo.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD),
Dança, Cidade de Goiás, 2021.

Bibliografia. Anexos.
Inclui fotografias, lista de figuras.

1. Educação Infantil. 2. dança. 3. Ser Sensível. I. Figueiredo, Valéria
Maria Chaves , orient. II. Título.

CDU 793.3



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Às **quinze horas do dia oito do mês de junho do ano de 2021**, iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de **LUANA AGHATA JOANA COSTA DE ARAUJO**, intitulado "**Caminhos através da sensorialidade para uma educação sensível com a dança**", do curso de **Dança - Licenciatura, da Faculdade de Educação Física e Dança da UFG**. Os trabalhos foram instalados pela presidente da banca **Professora Doutora Valéria Maria Chaves de Figueiredo - orientadora FEFD/UFG**, com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: **Professora Doutora Joana Abreu - EMAC/UFG e Professora Mestre Fernanda de Souza Almeida - FEFD/UFG**. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição e posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora considerou o TCC **aprovado**.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Joana Abreu Pereira De Oliveira, Professora do Magistério Superior**, em 08/06/2021, às 16:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Valéria Maria Chaves De Figueiredo, Professor do Magistério Superior**, em 11/06/2021, às 16:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda De Souza Almeida, Professor do Magistério Superior**, em 11/06/2021, às 17:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2103718** e o código CRC **E984CCD9**.

Agradecimentos

Primeiramente não posso colocar em palavras o quanto sou grata por estar onde estou, vivendo minhas pequenas conquistas e grandiosas experiências, algumas muito boas, outras nem tanto, mas cheias de aprendizado e de vida no seu mais amplo sentido.

Quero ressaltar que todas as experiências que me trouxeram até aqui e primordiais, só aconteceram porque aprendi muito mais do que ensinei, muito mais do que eu poderia imaginar, e que os bebês de 1 a 3 anos foram essenciais na minha formação enquanto professora, humana, sensível, transformadora de realidades e co-criadora das mesmas. Devo toda essa pesquisa a essas crianças do CMEI Santa Genoveva, Goiânia-GO, que além de serem minhas mestras foram a inspiração.

Encontrar a Dança nessa trajetória de vida foi essencial na minha formação enquanto pessoa. Professoras e professores que nessa jornada fizeram muito mais que exercer a sua profissão. Aprendi muito sobre caráter, afeto, corpo saudável, formas saudáveis de educação, sobre compreensão, desenvolvi empatia, força e determinação, além de ter tido todo apoio pedagógico necessário para a realização deste trabalho.

Quero enfatizar que a entrada no curso de dança não seria possível sem o apoio da minha família que em nenhum momento questionaram tal decisão, muito pelo contrário, me deram apoio, principalmente minha mãe Nirly Nogueira, que antes mesmo de eu saber da existência de uma graduação em dança ela já havia pesquisado, sabia da matriz curricular, em quais estados havia o curso e nos preparamos psicologicamente para esse “evento” ainda no ensino médio. Não tínhamos condição financeira nenhuma para arcar com as despesas de morar em um outro estado, nem sei como conseguimos nos organizar para que isso acontecesse, mas cá estou eu. Eu vim sozinha para Goiânia fazer a faculdade que eu queria e viver o meu sonho, mas eu nunca estive sozinha.

Não poderia deixar de agradecer imensamente a professora Ms. Fernanda Almeida por ter me acolhido desde o início, pelo convite que transformou minha vida. Foi o convite para participar do grupo de pesquisa

Dançarelando. Através desse grupo, pude descobrir que tipo de professora eu quero ser, como eu poderia me aproximar do ideal de ensino e educação em dança que eu queria. Não há como calcular os vários benefícios e tudo o que reverberou em mim depois do Dançarelando, ou verbalizar a gratidão que sinto por essa mulher na minha vida! Todo o apoio e consideração que emanou desde o começo e que pude colher muitos frutos desse encontro.

Tenho um carinho enorme por outra pessoa que me acolheu, mas que não pôde permanecer comigo me orientando por N fatores e circunstâncias da vida, que é o Prof. Dr. Alexandre Ferreira, aqui deixo meus sinceros agradecimentos.

A Prof.^a Dr.^a Valéria Figueiredo que não esteve apenas no lugar de orientadora, mas também de pilar, inspiração, e me trouxe várias reflexões, indicações de textos/livros/autores incríveis que foram muito assertivos na conexão com esse trabalho, me fez acreditar na importância do que eu tinha em mãos.

A Prof.^a Dr.^a Renata Lima que contribuiu não só para a construção desse trabalho, mas para minha formação desde o início, no nosso primeiro contato, foram aulas que eu jamais vou esquecer. Lembro de vivências nossas em que eu entendi, na prática, o que eu já tinha ouvido falar, mas que nunca tinha experimentado ou vivido. Agradeço pelo resgate cultural, pelo resgate ancestral, por preencher o que eu nem sabia que estava vazio. Não vou esquecer quem me fez respirar fundo e me aterrar (literalmente pelo Google Meet) num momento complicado em que eu queria desistir do trabalho. Se eu fosse representá-la em um desenho seria com um cajado nas mãos, que é a representação dos povos em pé: as árvores, símbolo de força, determinação, coragem, é o que vejo nela.

Resumo

Este trabalho de conclusão de curso com caráter de relato de experiência no formato de uma escrita ensaísta desenvolveu-se a campo sendo estes o Centro Municipal de Educação Infantil Jardim das Aroeiras (CMEI), Centro Municipal de Educação Infantil Village Atalaia e Centro de Educação Infantil Luigina (CEI), ambos da cidade de Goiânia- GO, com crianças de 3 a 5 anos de idade. Foram entre 12 a 14 encontros que aconteceram semanalmente e são apresentados aqui como vivências, que iniciaram no ano de 2018 no CMEI Jardim das Aroeiras e seguiu posteriormente para o CEI Luigina e CMEI Village Atalaia. Esta pesquisa a campo foi proporcionada pelo Grupo de Pesquisa em Dança: Arte, Educação e Infância (GPDAEI) coordenado pela Prof. Ms. Fernanda de Souza Almeida, através do projeto de extensão Dançarelado. No decorrer do projeto foram registrados em diário de campo as vivências e que posteriormente foram postas em diálogo com os autores como Duarte Junior, Fernanda Almeida, Sônia Kramer, Adrienne Ogêda, Luciana Ostetto, em busca de melhor expressar a dimensão do trabalho realizado. Dessa forma, a trajetória nos leva a reflexões em relação a como acontece a interação com as crianças, o que favorece e/ou deve favorecer na vivência em dança e as proporções benéficas que podem favorecer um ensino mais direcionado a sensibilidade, autoconhecimento e autonomia.

Palavras chaves: Educação Infantil, dança, ser sensível.

Abstract

This course conclusion work with the character of an experience report in the format of an essayist writing was developed in the field and these are the Municipal Center for Child Education Jardim das Aroeiras (CMEI), Municipal Center for Child Education Village Atalaia and Child Education Center Luigina (CEI), both from the city of Goiânia-GO, with children from 3 to 5 years old. There were between 12 and 14 meetings that took place weekly and are presented here as experiences, which began in 2018 at CMEI Jardim das Aroeiras and later continued to CEI Luigina and CMEI Village Atalaia. This field research was provided by the Research Group on Dance: Art, Education and Childhood (GPDAEI) coordinated by Prof. Ms. Fernanda de Souza Almeida, through the extension project Dançarelendo. During the project, the experiences were registered in a field diary, which were later put into dialogue with authors such as Duarte Junior, Fernanda Almeida, Sônia Kramer, Adrienne Ogêda, Luciana Ostetto, in an attempt to better express the dimension of the work carried out. Thus, the trajectory leads us to reflections on how the interaction with children happens, which favors and/or should favor the experience in dance and the beneficial proportions that can favor a teaching more directed towards sensitivity, self-knowledge and autonomy.

Keywords: Early childhood education, dance, being sensitive.

Sumário

Caminhos através da sensorialidade para uma educação sensível com a dança	
Antes da Cerejeira.....	2
Cap. 1- Terra	
Materializações dos pensamentos, inquietações, reflexões e pesquisas trazidas do plano das ideias para se aterrar.....	12
Capítulo 2- Água	
Dando fluidez e permeabilidade nos corpos e espaços.....	30
Capítulo 3- Fogo e Ar	
Abrindo caminho para as ardências das ideias fluírem como folha ao vento.....	48
Vivências e planejamentos desenvolvidos durante a pesquisa:.....	49
Registros fotográficos das vivências.....	76
Depois da Cerejeira.....	84

Lista de Imagens

Figura 1- Céu de Van Gogh.....	41
Figura 2- Contação de História de Seres Dançantes e Onde Habitam.....	43
Figura 3- Livro Seres Dançantes e Onde Habitam.....	45
Figura 4- Dia do sopro.....	76
Figura 5- Dia da árvore.....	77
Figura 6- Mapa da Chuva.....	78
Figura 7- Bacias, onda do mar e dançar.....	79
Figura 8- Dia do vento.....	80
Figura 9- Dia da gota.....	81
Figura 10- O mapa que a gota faz no meu corpo.....	82
Figura 11- Ondas do mar com bacias.....	83

Antes da Cerejeira

“E se as histórias para crianças passassem a ser de leitura obrigatória para os adultos? Seriam eles capazes de aprender realmente o que há tanto tempo têm andado a ensinar?”

José Saramago- A maior flor do mundo.

Antes de adentrarmos neste trabalho gostaria de apresentar brevemente a composição de quem sou, pois atualmente não me vejo separada desta experiência que me atravessa e continuamente me transforma. Refiro-me à escolha de ser professora e que nem sempre esteve em meus pensamentos e projetos futuros de vida.

No entanto, a minha conexão com a dança desde criança aproximou-me de outros pensamentos em relação à profissão. Com o apoio da Prof.^a de ballet Mariana Prates (minha professora de ballet por 13 anos), fui desenvolvendo o apreço pelas aulas e depois comecei a ser sua monitora até que ela me ofereceu um estágio e um curso para auxiliar nesse primeiro contato com as crianças.

Não havia imaginado até aquele momento o quanto era difícil estar no lugar de professora e o quanto era uma responsabilidade grande. Descobri, durante a passagem pelo projeto social Flauta Mágica em Cuiabá-MT, que a dança poderia ser minha profissão e que ela estava relacionada nas mais variadas perspectivas ao que eu sempre respondi que queria ser quando crescesse: Ajudar as pessoas.

O Flauta Mágica é uma instituição não formal presente em Cuiabá-MT no bairro Jardim Vitória e se mantém através de doações e patrocínios como a UNESCO, Criança Esperança, empresas diversas, dos patrocínios as crianças não pagam mensalidade, instrumentos ou materiais. Ter um espaço como esse dentro de um bairro periférico é transformar uma comunidade inteira, é dar oportunidade/possibilidade de a criança ser artista e poder desenvolver isso, tomar como profissão, ir além das condições em que se encontra, pensar um futuro através das próprias experiências. Nesse projeto há aulas de canto coral, flauta, violão, jazz, street dance (que hoje seria o que conhecemos como danças urbanas) e ballet.

E em todas as apresentações de ballet as músicas eram ao vivo realizadas pelos próprios alunos do projeto, com orquestra ao vivo. Compreendo hoje porque tento me aproximar de todas as artes que estão ao meu alcance, nunca estive muito distante delas, porém desenvolvi algumas mais que outras (dança, canto, desenho, e alguns instrumentos), e na medida que o tempo corre, começo a ter consciência que as artes se integram e dialogam entre si, mas aprendemos/vivenciamos separadamente.

Esses aprendizados em artes através do Instituto Flauta Mágica foram essenciais para me tornar o que sou e o que ainda posso ser com essas possibilidades que me foram apresentadas e posteriormente conectadas às outras experiências na faculdade de Dança- UFG.

Feito esta breve apresentação do que me compõe, penso que o interesse e a vontade de transformação através da dança e de procurar fazer a diferença a níveis sociais independente da área em que se atua, trata-se a meu ver como uma dívida com o coletivo, com a comunidade.

Dessa forma no meu encontro com as crianças surgiu pensamentos, reflexões e diálogos sobre práticas saudáveis mentalmente, fisicamente e emocionalmente que são necessárias no presente, das necessidades que se têm agora e precisam ser observadas com atenção integrando a uma proposta com **possibilidades diversas para se atingir um mesmo objetivo que é uma vivência criativa, com mais autonomia**, bem como nos trás ALMEIDA (2018):

Com isso, seria importante que o docente propusesse experiências que favorecessem a construção da autonomia, da autoconfiança e da identidade infantil, considerando as diferenças, o conhecimento que trazem do meio e as especificidades de cada ser de pouca idade. Nesse sentido, a dança pode surgir como uma vivência que possibilita às crianças se diferenciarem, não as enquadrando em um conjunto que as padronize no qual todos se movimentam igualmente e ao mesmo tempo. Ademais, esta linguagem artística pode respeitar a individualidade, estimulando a espontaneidade, a vivência e a descoberta dos movimentos, deixando de lado a intensa reprodução e a repetição de passos previamente determinados pelo adulto com o objetivo final de produzir apresentações para festas escolares (que muitas vezes não tem sentido para os pequenos). (ALMEIDA, 2018, p. 6)

Quero pontuar ao que me referi no parágrafo acima quanto a escolha desta pesquisa e para isso é importante voltarmos um pouco ao ano de 2017 em que iniciei minha trajetória na Universidade Federal de Goiás no curso de Licenciatura em Dança, para isso mudei de cidade saindo de Cuiabá-MT para Goiânia-GO. Ao longo do ano fui percebendo o que é estar numa Universidade, o compromisso com o que é produzido nesse espaço, o que significa estar nesse local, e comecei a me perguntar o que eu queria com esse Curso.

Entendi que queria ser professora, mas e o que vem antes disso? Qual percurso preciso caminhar para me aproximar do tipo de professora que quero ser? E ultimamente me pergunto: o que vem depois do curso já que há inúmeras

possibilidades na área de Dança e principalmente na área de educação e sinto que as pesquisas relacionadas às metodologias com crianças me atraem.

Ainda no ano de 2017 na disciplina de Estudos Introdutórios em Laban, conheci a pessoa que me guiou em descobertas sobre mim e o outro, mais especificamente a relação professora e crianças. A professora Ms. ^a Fernanda Almeida coordenou o Grupo de Pesquisa em Dança: Arte, Educação e Infância (GPDAEI) e o projeto de extensão Dançarelado, nos contou como era a proposta dessa pesquisa, e deixou aberto para quem quisesse se voluntariar para observar de perto como era a interação das crianças e das participantes do grupo nos CMEIS (Centro Municipal de Educação Infantil), como eram pensadas as práticas que ocorriam durante as vivências com as crianças.

Me voluntariei para o projeto e acompanhei a estudante Sara Menezes. Sua proposta era de vivências em dança se aproximando da cultura popular brasileira na qual a Sara está ligada intimamente vivendo manifestações como o Maracatu, Coco, Cacuriá, Boi entre outras.

Logo no começo fiquei encantada porque não sabia o mundo de possibilidades que há para se pensar a Dança. A experiência me levou a qual caminho eu queria percorrer para me aproximar da professora que quero ser. Tudo começou nesse encontro entre o universo através do **olhar infantil**, minhas **memórias** sobre infância, as possibilidades que observei a partir de um **aprendizado mais criativo**, e principalmente o quanto eu gostava de estar nesse espaço, o quanto eu comecei a perceber sobre os **estados emocionais** das crianças e se as vivências contribuíram de alguma forma nesses estados.

Uma das reflexões que me ocorreu foi perceber o trabalho que estava sendo feito, e que poderia ter muitos outros com essas características na abordagem sendo desenvolvidos nas diferentes instituições de educação. Seria engrandecedor não só como forma de desenvolvimento motor, mas com todos os benefícios que esse contato com a arte nos traz.

É o que a improvisação com crianças nos trás: ressignificar, associar o que está vendo, ouvindo, sentindo, experimentando com o que é possível de ser feito no corpo, testando as possibilidades que podem ser exploradas em solo e com o outro. “Outra questão significativa que o exercício da improvisação elenca é a possibilidade

de aprender a encontrar soluções e ultrapassar os condicionamentos, abrindo-se à liberdade de criar, dentre as múltiplas possibilidades, novas poéticas”. (ALMEIDA, 2018, p. 9)

Ao longo do percurso no projeto de extensão Dançarelado surgiram muitas curiosidades sobre a infância, uma delas era como entrar em diálogo através da dança com os bebês a partir de um ano de idade. Esse primeiro contato com as crianças no projeto de extensão com os bebês foi desenvolvido no CEI (Centro de Educação Infantil) Maria Genoveva no ano de 2017 no segundo semestre. Foi surpreendente as respostas que conseguimos com esse contato apesar de não ter dado continuidade nesse assunto para o TCC percebo que foram estas crianças minhas mestras e a elas devo muito respeito e consideração.

Durante as reuniões que tínhamos toda semana em grupo aconteciam discussões sobre nossas impressões em relação às vivências no CEI, e CMEIs (Centro Municipal de Educação Infantil), dúvidas, anseios e fizemos testes para o que seria a vivência do próximo encontro com as crianças. Tudo era registrado em diário de campo, inclusive os **planejamentos e relatórios das vivências**.

Houveram vários diálogos com a professora Fernanda Almeida sobre os bebês e foi meu primeiro contato com crianças numa perspectiva da dança e sua amplitude possibilitando criações livres na improvisação. Dessa forma foram surgindo várias propostas de trabalho com as distintas idades que depois especificamos para a escrita do trabalho as idades de 3 a 5 anos.

A proposta que mais me chamou a atenção foi com exercícios sensoriais que até então eu não tinha conhecimento sobre. Ou seja, era tudo muito experimental para nós, por ser algo novo mas também porque respeitamos os desejos e necessidades das crianças, não chegamos com algo pronto para ser “implantado”. A ideia era construir com a instituição, professoras e as crianças.

Percebemos que as experimentações que fizemos com **materiais diversos**, durante os próximos semestres, com variadas idades faziam com que as crianças ficassem mais presentes nas vivências e que isso deixava mais prazerosos nossos encontros.

Essa foi uma das descobertas de forma empírica com as percepções de outras colegas inclusive da prof.^a Ms. ^a Fernanda Almeida, que nos trouxe a atenção

sobre como o comportamento das crianças era alterado e quais eram os surgimentos criativos que se tinha, algumas gravações foram registradas e depois observadas com mais atenção, diferente do momento em que as ideias estão borbulhando e são muitas crianças para observar.

Esse trabalho estava se desenvolvendo a partir da dança junto a contação de história, música e sempre tendo objetos para compor as vivências que eram os nossos materiais. O planejamento era o mesmo para todas as idades, inclusive os bebês, o que diferenciava era a forma como as vivências eram conduzidas.

Em um determinado dia criei o conto da cerejeira depois de observar que os bebês se mostraram muito atentos quando a professora regente contava histórias. A prof. Fernanda Almeida sugeriu levar algo que materializasse essa cerejeira da história, e aí pensei em levar algodões naturais que haviam em casa e colorir com corante rosa e essência suave de alecrim.

Depois de contar a história para os bebês distribuí com a ajuda da professora e da auxiliar de sala os algodões cor-de-rosa e mostrei o que podíamos fazer com essa “flor de cerejeira” passando nos meus braços, pernas, barriga e pedi para todos sentirem o cheiro, avisei para não colocarem na boca. Deixei de interagir com a flor de cerejeira por um tempo e fiquei observando (a Fernanda Almeida sempre nos orientou a deixá-los um tempo interagindo sozinhos com os materiais).

Vi uma das crianças passando no rosto, nos pés e o que chamou mais minha atenção foi uma delas passar nos braços de outra criança todas tinham a idade menor que 1 ano e meio e entendiam o que eu falava mesmo que ainda não haviam desenvolvido a linguagem falada.

Não era novidade para as professoras daquela turma, mas para mim. Afinal as professoras afirmavam: “Sim, elas entendem tudo que nós falamos! Pode continuar normalmente. No começo não acreditei muito, mas fingi que estava tudo certo; e foi fluindo... Até que percebi na prática como acontecia a comunicação entre nós, o que poderia melhorar.

Foi importante porque no começo achei que nada do que eu falava era entendido, ou geraria um “aprendizado”, seria levado a frente, ficaria na memória das crianças. Esses pensamentos foram moldados pela forma como nós adultos enxergamos as crianças e como foi nossa infância que às vezes a reproduzimos.

Quanto mais o tempo se passava demonstravam o que ficava gravado das vivências com **gestos**, alguns **sons com a boca**, alguns **movimentos**, ou seja, tinham **memórias das vivências anteriores**, e essas memórias precisavam ser ativadas com algo que havia marcado a vivência anterior.

Quando começava, geralmente com uma contação de história, as crianças apenas me olhavam com atenção, às vezes se “distráiam” com algo na sala, e ao meu olhar elas não entendiam nada, ou não era interessante, não demonstravam nenhuma reação perceptível.

Essa “distração” não é o que realmente acontece, e isso compreendi com as vivências, o que nós (adultos) às vezes consideramos “dispersos” é uma forma de imersão. Pode ser que a criança no momento da vivência tenha se deparado com algo que não havia notado antes ou algo mais interessante no ambiente, no corpo, na roupa e outras coisas que nem imaginamos já que acontece com a criança e nós é que não damos a devida atenção.

As reações que antes eu não conseguia identificar muito bem foram começando a surgir com mais frequência e intensidade, elas começaram a me responder com esses elementos citados acima: gestos, sons, movimentos. Isso mudou a forma como eu passei a olhar esses cidadãos de pouca idade (KRAMER 1999), o que é totalmente o contrário do que aprendi e que é muito reproduzido: são muito bebês/ingênuas para entender algo, não sabem de nada e por isso os adultos precisam ensinar sobretudo, corrigir tudo, não entendem o que as pessoas falam e (por isso?) nos dirigimos a elas com a voz diferente ou minimizando todas as palavras.

Observando com a ajuda da Prof. Ms. Fernanda Almeida que acompanhou as vivências, fomos refinando o olhar sobre as respostas que as crianças nos apresentavam, e eu quem iria ter que estar mais atenta a esses elementos que elas traziam.

Uma das dicas da professora Fernanda Almeida foi **reforçar a memória** das crianças pois era essencial, já que nós íamos com pouca frequência no CEI Maria Genoveva (uma vez por semana).

Um exemplo sobre memória que gosto de lembrar foi em uma vivência como tema “borboletas”, e no nosso próximo encontro perguntei sobre a vivência

anterior e que conhecemos através do poema e música “As Borboletas” de Vinicius de Moraes, uma das crianças mexeu os braços batendo as asas da borboleta, outras cantaram um pouco da música e uma fez o gesto com os dedos indicador e dedão e este último foi genial para mim pois eu não havia pensado um bater de asas dessa forma. Depois as outras crianças também lembraram e foi a partir dessas respostas.

Outro fato interessante é que ao perguntar elas não demonstraram ter entendido a pergunta, mas quando cantei a música imediatamente fizeram o movimento das asas como na vivência anterior. Outra vez foi quando trabalhei com o tema chuva e perguntei no encontro seguinte “e a chuva?”, várias crianças responderam com o barulho que mais fizemos durante a aula: o “chuaaaa, chiii, chuuiu” com a boca e o movimento do cair da chuva com as mãos. Ou o dia que perguntei sobre a gota e alguns responderam batendo o dedo indicador na mão.

Foram momentos marcantes e até emocionante, senti que estávamos nos entendendo e comunicando através da conexão e compreensão. Conexão porque se eu não estivesse interessada, em sintonia e atenta às respostas, talvez não teria gerado tanto aprendizado. Compreendi como um convite para experimentarmos esse universo que ainda não tinha noção do que poderia ser.

Os momentos de interação após as atividades ou no final da aula era essencial e no início da próxima vivência também porque assim surgiram os diálogos.

“Os autores pesquisados enfatizam a importância de que ao final da improvisação seja aberto um espaço para a avaliação e a reflexão do processo vivido. Pois após certo tempo de ação não verbal é interessante a possibilidade de comunicação verbal e descrição das sensações vivenciadas. Existem alguns métodos aos quais podemos recorrer para possibilitar esta reflexão, como por exemplo, o registro de memória e a conversação.” (FERREIRA, 2011 p. 42.)

Nesse primeiro contato as crianças interagiam dentro das suas possibilidades de entendimento e de corpo, mostrando coisas incríveis. Isso me fez pensar com que tipo de arrogância nos colocamos frente a elas, sobretudo o desrespeito para com elas.

Os processos individuais devem ser respeitados dentro do contexto de aprendizagem e de interação social também. Parafraseando Manoel de Barros

(2000) em “Árvore” percebo que no estágio de ser professora aprendi de sol, de céu e de lua mais do que na escola.

Com essas reflexões e vivências, diálogos e pesquisas decidi a temática deste trabalho e utilizei de leituras e aprendizados no decorrer do curso de Dança e o projeto de extensão com a prof.^a Ms. ^a Fernanda Almeida e posteriormente a orientação do Prof. Dr. Alexandre Ferreira (temporária) e prof.^a Dr.^a Valéria Figueiredo, fiz algumas leituras cujos autores e autoras foram de extrema importância para o desenvolvimento da pesquisa como Sônia Kramer, Adrienne Ogêda, Duarte Junior, Alexandre Molina, Antônio Damásio e Fernanda Almeida que tive a oportunidade de conhecer não só seus trabalhos escritos, mas vivenciá-los durante o projeto de extensão da faculdade de Dança- UFG.

Dessa forma comecei a refletir pensamentos sobre corpo, infância, educação, memória, sensibilidade e sensorialidade além dos grupos de estudos e núcleos livres em que a prof.^a Ms. ^a Fernanda Almeida também nos apresentou vários textos sobre infância e educação, processo de criação em dança e algumas escritas próprias como o livro “Que dança é essa? Uma proposta para a educação infantil” e “Dança e Educação, 30 experiências lúdicas com crianças” sendo este último escrito por discentes da FEFD que participaram do grupo de estudos (Dançarelendo).

Até aqui cheguei a um ponto com bifurcação entre desenvolver a pesquisa com os bebês entre 1 e 2 anos ou com as crianças entre 3 a 5 anos. Por fim, escolhi as crianças de 3 a 5 anos com o intuito de “rumar para o norte levando os aprendizados do sul”. Afinal a gênese desse trabalho foi com os bebês. E assim foi feito. Decidi aprofundar sobre os aspectos sensoriais dentro das Danças nas vivências.

Pensando numa vivência corporal, não uma preparação pautada em construir um corpo cheio de potência em dança para futuros bailarinos/dançarinos, mas em um corpo que atua no espaço com maior liberdade de ser e estar presente dentro das possibilidades criativas de uma forma até mais holística, arrisco dizendo pelo fato de não haver preocupação com uma estética de dança específica como ballet, jazz, danças árabes. E assim lembrar da extensão profunda entre **corpo, mente e emoções**. Ter acesso a toda expansão criativa que se pode alcançar dando-lhes os

materiais e deixando que os estímulos e diálogos dê espaço para uma **construção autêntica e autônoma**.

Afinal, "a educação infantil, primeira etapa da educação básica, é um período propício para a educação, no qual é despertada, na criança pequena, uma enorme gama de possibilidades no seu desenvolvimento como pessoa autônoma e segura" (ALMEIDA, 2012). E é isso que me chama atenção na interação com elas, a forma como conseguem criar, recriar e dar sentido e movimento de forma tão particular e muito gostosa de observar.

O trabalho foi sendo construído através de um diálogo contínuo de possibilidades que encontramos com a **contação de história, música, dança, memória, exercícios sensoriais (essências diversas, sabores, vídeos, sons da natureza, texturas)** e tudo isso tendo a possibilidade de surgir um **processo de criação em dança** no qual as crianças sejam, também coreógrafas, sejam autoras da própria dança, que haja uma construção levando em consideração tudo o que foi trabalhado durante as vivências anteriores.

Recorri ao Professor Alexandre Ferreira para ser meu orientador não por acaso, pois nas aulas da disciplina de Fundamentos da Dança Contemporânea nos foi dado um texto de Giorgio Agamben "O que é contemporâneo?", 2009. Fiquei imersa nas reflexões que esse texto trouxe, o relacionei até com astrologia, aos filmes de desenho animado que assisti quando era criança. O professor também durante as aulas trazia outras reflexões e questionamentos que achei interessante e com a dificuldade de se encontrar orientadores (nossa unidade estava com alguns professores de licença) então, vi nele uma possibilidade de orientação.

Nas reuniões com o professor Alexandre Ferreira havia várias dúvidas sobre o desenvolvimento do TCC, porque não era uma compreensão muito transparente sobre o que eu queria escrever pelo fato de haver tantas possibilidades para serem exploradas, mas o Alexandre conseguiu, a partir das nossas várias conversas, ter dimensão do que poderíamos construir junto à Professora Fernanda Almeida, e isso foi tomando forma.

Chegamos à conclusão em uma reunião com a prof. Ms. Fernanda Almeida de que o tema norteador seria: **Utilizar das experiências sensoriais, relacionando à prática do sensível, para se pensar uma metodologia em Dança. Podendo ou**

não ter uma **repercussão** em um **processo de criação**, tendo a possibilidade de desenvolver um espetáculo ou não porque tudo depende da forma como desenvolve-se as atividades no decorrer do semestre/ano e a relação com o tempo e demandas das instituições.

Durante as vivências utilizei como material o que eu já havia experimentado antes com os bebês que é a contação de história, a música (com caixa de som, cantadas, produzidas com o corpo, produzidas com instrumentos de percussão como o pau de chuva, conduíte, sinos, pandeiro, caixa...), artes visuais (vídeos e pinturas com tintas) e materiais diversos (bacias, bolinhas com cravo, tecidos, penas, borrifador, bolhas de sabão, arroz, feijão, algodão...) relacionados ao sensorial que auxiliam para que as crianças estejam mais presentes durante as vivências.

No decorrer do ano de 2019 aconteceram várias ocorrências complicadas de serem administradas com a vida acadêmica em relação a vida fora da faculdade pela chegada da COVID-19. O professor Alexandre precisou sair com licença médica alguns meses após a pandemia e a continuidade da escrita foi com a orientação da professora Valéria Figueiredo.

Dessa forma, optei pela construção de um texto com caráter de relato de experiência, no formato de um ensaio reflexivo, recorrendo a uma linguagem poética e, por vezes, metafórica que entrelaça minhas percepções a respeito das experimentações junto às crianças e dialogando com autores que dissertam a respeito do tema estudado.

Cap. 1- Terra

**Materializações dos pensamentos, inquietações, reflexões e pesquisas
trazidas do plano das ideias para se aterrar.**

*Trate bem sua cultura,
porque ela é um bem.*

*Se você não cuidar dela,
você não será ninguém...*

*Quem plantou teve o cuidado,
de deixar pra quem convém.*

*Belos frutos dessa árvore,
que alimentam muito bem.*

*E a nossa vai além
com as histórias que contém.*

*No corpo de quem merece,
Ela faz a sua lei...*

Ela toca, ela canta

Ela joga muito bem...

Camaradinha... -Mestre Moa do Katende

O que há de tão vergonhoso na frase “é uma pessoa muito emocionada”?! Por que as emoções são postas num lugar de inferioridade? São questionamentos que percebo estarem sendo cada vez mais levantados e acredito ser um passo evolutivo em direção a empatia, palavra muito usada e tão pouco praticada no nosso cotidiano.

Acredito que Alexandre Molina em “Corpo, Dança e Educação: Paradigmas em Trânsito” (2017), trás o que quero expressar aqui. Ele usa referências da neurociência e filosofia e uma de suas pontuações iniciais é sobre Descartes:

Assim, para Descartes, corpo e mente se influenciariam mutuamente; porém o mecanismo plausível para essa ligação não teria sido identificado pelo filósofo. Descartes teria delegado tal função erroneamente à glândula pineal, mas “nada há na sua estrutura ou nas suas ligações que lhe permitam realizar a extraordinária tarefa que Descartes lhe atribuiu.” (DAMÁSIO, 1996, p. 198). Assim, a mente seria uma substância, mas não uma substância física, e foi justamente essa afirmação de Descartes que induziu a uma compreensão equivocada de sua proposição, configurando-se na separação entre mente e corpo, conhecida também como dualismo cartesiano. (MOLINA, 2017, p.4)

Dessa forma reflito que há em nós, enquanto sociedade, uma lacuna que de certa forma, ratifica e amplia a separação entre corpo e mente, causando ou levando a prejuízos que vão interferir na existência a nível individual e conseqüentemente na vida social. Essa lacuna vai priorizar a razão em detrimento de outras questões existenciais, principalmente aquelas ligadas às esferas do sensível, provocando uma diminuição de sensibilidade, afeto, sentimentos, emoções: tudo deve estar sob determinado controle racional, mascarando as demonstrações sensíveis.

O raciocínio lógico só é possível através do conjunto corpo, cérebro e mente, até se tratando de identificar conflitos internos, é necessário sentir o que esse conflito desperta, pensar sobre ele e não o ignorar. As reflexões e/ou conflitos internos são partes racionais, porém não são destituídos de emoções. António Damásio (2000), Neurocientista, em seu laboratório de pesquisas sobre: corpo, mente, cérebro e emoções (estudando áreas do cérebro que são responsáveis por processar os estímulos externos ao corpo que recebe) nos convida a uma perspectiva sem sobreposições entre Sentimentos X Racionalidade.

“As lesões neurológicas sugerem simplesmente que a ausência seletiva de emoção é um problema. Emoções bem direcionadas e bem situadas parecem constituir um sistema de apoio sem o qual o edifício da razão não pode operar a contento. Esses

resultados e sua interpretação puseram em xeque a ideia que descarta a emoção como se fosse um luxo, um estorvo ou um mero vestígio evolutivo. Também possibilitaram que se visse a emoção como a concretização da lógica da sobrevivência.” (DAMÁSIO, MOTTA, 2000, p. 89)

Me parece, então, que ignorar o que é desconfortável não faz com que o desconforto suma, pelo contrário, a frustração e até esgotamento físico faz com que aumente e/ou crie outros sentimentos adoecedores que não conseguimos através da fala dizer o que estamos sentindo. Portanto, a razão e as emoções podem estabelecer um caminho dialógico de interações e intervenções nas ações dos indivíduos, pois o equilíbrio entre emoções e razão pode fazer o ser desenvolver comportamentos mais saudáveis emocionalmente e que não menosprezem as sensações/sentidos/emoções.

É necessário, ainda no século XXI, naturalizar o sensível que não apenas está em nós, mas nos compondo. A real necessidade de existir no mundo em que se habita está no fato de ter-se em mente a construção de uma sociedade minimamente saudável para se viver, não é utópico trabalhar a humanização, não somos apenas um número no mundo apesar de termos consciência de que somos pequenos em relação a ele, porém não devemos minimizar a vida em função da quantidade. Somos “seres da afecção, tudo nos afeta e transforma – ambientes, relacionamentos, cores, sons e sabores” (GUEDES, 2018, p. 304).

E por que iniciar o capítulo presente com esse assunto? Atualmente estamos enfrentando uma pandemia com a COVID-19, que agora no ano de 2021 completou seu primeiro ano de caos e destruição, ou seja, falar de humanidade, humanização e saúde mental, emocional, física não poderia ficar distante dessa pauta. Seria cômico se não fosse trágico o fato de tentarmos “humanizar” seres humanos, sensibilizar a máquina feita de carne e ossos para quem sabe um pouco do planeta que ainda existe não seja devastado em vários níveis.

Deparei-me com algumas entrevistas e leituras de Ailton Krenak (2019) que me fizeram refletir sobre o teor que tem sido pensar ser professora atualmente, o que mais me inquietou foi os questionamentos que surgiram: qual amanhã estamos nos referindo? Esse que ainda não chegou, que está no calendário, mas onde está esse amanhã? Até quando haverá realmente um amanhã para ter esse nome?

Refleti também sobre o que a minha ancestralidade me ensinou e que depois de muito tempo comecei a perceber os valores que tento colocar em prática de forma mais consciente, e que Krenak (2019) deixou mais borbulante em mim.

Nesse sentido, falar de Educação Infantil para mim é colocar em pauta a Terra, a natureza, o nosso primeiro contato com o mundo externo ao útero, nosso primeiro ar sugado para os pulmões vem dessa Terra, e não estamos isentos das questões que permeiam a sua existência ou separados dela, desse organismo, estamos inseridos nele.

Por que é motivo de piada interagir com a natureza de forma afetuosa? Tenho observado o quanto nós artistas somos satirizadas quando fazemos performances que têm relação com a natureza e estamos sujos de terra, abraçamos as árvores, tomamos banhos de ervas etc... Sempre há um comentário sarrista com tom ofensivo.

Pode ser que a abertura que têm não dê para a poética disso tudo ser alcançada, ou tenha faltado na infância isso de se sujar, de subir nas árvores e grudar em um abraço com braços e pernas nos galhos, pode ser que essas lembranças caíram no esquecimento, ou a recordação seja “vergonhosa e boba porque era criança” como dizem por aí “mas eu era criança, era boba naquela época”, mas também pode ser a cultura globalizante e superficial (KRENAK 2019) a qual fomos imersos que tirou esse encanto:

No Equador, na Colômbia, em algumas dessas regiões dos Andes, você encontra lugares onde as montanhas formam casais. Tem mãe, pai, filho, tem uma família de montanhas que troca afeto, faz trocas. E as pessoas que vivem nesses vales fazem festas para essas montanhas, dão comida, dão presentes, ganham presentes das montanhas. Por que essas narrativas não nos entusiasmam? Por que elas vão sendo esquecidas e apagadas em favor de uma narrativa globalizante, superficial, que quer contar a mesma história para a gente? (KRENAK, 2019, p. 10)

Em relação a isso, Ailton Krenak quando foi convidado para dar uma palestra sobre desenvolvimento sustentável na Universidade de Brasília, apresentou o nome da palestra como “Ideias para adiar o fim do mundo”, o que é um chamado para nos olharmos no espelho com mais profundidade ou não fingir que não estamos vendo.

Estar com aquela turma me fez refletir sobre o mito da sustentabilidade, inventado pelas corporações para justificar o assalto que fazem à nossa ideia de natureza. Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade.

Enquanto isso — enquanto seu lobo não vem —, fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza. (KRENAK, 2019, p. 9)

Haja vista que a consequência das colonizações gerou várias sementes cancerígenas em todas as sociedades, e que a colonização se tornou a globalização, o consumismo exagerado que suga de canudinho cada pedaço de terra, e tornou a vida mais trágica, mais escassa de tempo e felicidade. Parece que essas discussões se afluíram e de repente paramos para ouvir o que há muito os nativos brasileiros dizem:

A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história. (KRENAK, Ailton, 2019, p. 8)

Quando se fala de “fim do mundo” parece algo sempre distante porque temos a impressão que já passamos por vários deles, e cá estamos nós, vivendo uma espécie de apocalipse, ao qual parece muito natural, como se nos filmes fossem mais aterrorizantes e na realidade as pessoas seguem tomando sorvete nos parques, indo nos bares encontrar amigos, fazem festa de aniversário etc. O fim do mundo era um termo para se referir ao fim da humanidade? Nós percebemos na história do planeta a sua capacidade de regeneração, e que a Terra não precisa de nós, muito pelo contrário.

Para concluir esse chamado necessário a essas reflexões que Ailton Krenak nos leva deixo aqui esta última citação:

O que é feito de nossos rios, nossas florestas, nossas paisagens? Nós ficamos tão perturbados com o desarranjo regional que vivemos, ficamos tão fora do sério com a falta de perspectiva política, que não conseguimos nos erguer e respirar, ver o que importa mesmo para as pessoas, os coletivos e as comunidades nas suas ecologias. Para citar o Boaventura de Sousa Santos, a ecologia dos saberes deveria também integrar nossa experiência cotidiana, inspirar nossas escolhas sobre o lugar em que queremos viver, nossa experiência como comunidade. Precisamos ser críticos a essa ideia plasmada de humanidade homogênea na qual há muito tempo o consumo tomou o lugar daquilo que antes era cidadania. José Mujica disse que transformamos as pessoas em consumidores, e não em cidadãos. E nossas crianças, desde a mais tenra idade, são ensinadas a serem clientes. Não tem gente mais adúlada do que um consumidor. São adúlados até o ponto de ficarem imbecis, babando. Então para que ser cidadão? Para que ter cidadania, alteridade, estar no mundo de uma maneira crítica e consciente, se você pode ser um consumidor? Essa ideia dispensa a

experiência de viver numa terra cheia de sentido, numa plataforma para diferentes cosmovisões. (KRENAK, 2019, p. 12)

Apresentei essas breves reflexões que considero de suma importância já que nos próximos capítulos irei discorrer sobre educação, infância, ser sensível, e corpo integral, que pertence a um todo maior (mundo/natureza).

Diante destas percepções, a escolha dessa pesquisa com as idades iniciais (entre 3 e 5 anos) é uma abertura para que a criança vivencie a dança através dos elementos da natureza, utilizando a sensorialidade, consciência de si pautado nas suas sensações/sentimentos/ações através das **experimentações sensoriais consigo mesmo e com o outro**.

Penso que este trabalho possa mostrar um vislumbre de algumas ramificações com possibilidades dentro de um processo pedagógico em dança. Pensando no cuidado de não as tratar como uma caixa de esperança nas quais depositamos nossas expectativas, não as privar de viver a infância e todos seus processos.

Desse modo, é necessário favorecer que os pequenos vivenciem corporalmente suas infâncias, nas mais variadas possibilidades de ações, expressões e linguagens produzidas pela cultura em que estão imersos e, constantemente reinventam". (ALMEIDA; ANDRADE, 2016, p. 12)

A proposta de ensino nesse processo pedagógico que apresentarei no decorrer dessa pesquisa é usar das **experiências sensoriais com os elementos da natureza para se pensar a dança**, alcançar uma dança autônoma, que traga liberdade de se expressar, e consciência corporal, podendo quiçá minimizar as turbulências corporais como a ansiedade, stress e pensamentos acelerados pelo cotidiano turbulento, apresentando formas diversas e dando espaço para que elas descubram, através das vivências, como se expressar no mundo, entendam que são parte integral dele.

Conhecendo o próprio corpo para além do tato e através dos sentidos possamos acessar o Ser sensível (DUARTE, 2000), que ao contrário do que se pensaram/pensam de que corpo e mente se encontram fragmentados e um deve se sobrepor ao outro, há pesquisadores que estão contrapondo essa ideia, ou seja,

trazendo uma discussão e propondo sistemas que sejam mais integrativos, ao qual é voltado para um sistema social que realmente inclua o indivíduo.

Alexandre Molina (2017) em *Corpo Dança e Educação: Paradigmas em Trânsito*, nos traz um filósofo no qual apresenta “A doutrina da tábula rasa” (PINKER, 2004) nos convida a conhecer outros dois conceitos que seguem essa mesma proposta: o conceito do **bom selvagem** e a noção de **fantasma na máquina**.

O conceito de bom selvagem trata-se do processo de colonização europeia, e ao que o texto nos mostra trata-se também da concepção dada por Rousseau de que “o homem nasce bom, mas a sociedade o corrompe” e esse corromper-se estaria voltado à ganância e a violência que fizeram a raça sair de seu estado altruísta quando se sobrepõe a outras sociedades considerando-as inferiores e se tornando mais tarde nossa própria civilização baseada em opressão, mortes, violências, mau caráter etc.

Já o Fantasma da máquina (PINKER, 2004) parte do ponto de vista de Descartes na relação corpo e mente. Trata-se de um pensamento ao qual o corpo é uma mecanicidade controlada por algo que pode ser a alma, havendo uma relação cultural voltada ao determinismo, no qual supõe que o corpo é apenas um depósito e que a partir da cultura na qual você foi criado não parte de você nenhuma escolha autônoma e original, como se o ser não tivesse a capacidade de decidir sobre suas vontades.

Uma questão referente ao assunto também foi pontuada por Duarte Júnior sobre esse corpo tratado como máquina, como um corpo fantasma:

“[...] De que modo o nosso corpo foi transformado numa espécie de máquina, independente não só do ambiente onde vive, mas também dos próprios pensamentos e sentimentos nele e por ele gerados? Que tipo de ação desastrosa tal fundamento filosófico pode acarretar sobre nós pela prática médica? E mais ainda: em que medida essa pretensa atividade curativa, ao se apoderar de nosso corpo praticamente o toma como um objeto e nos anula enquanto “eu”, enquanto sujeitos? [...]” (JR. DUARTE, 2000, p. 17)

Nosso corpo é a ligação com o mundo ao nosso redor, a forma como nos conectamos com o que é externo a ele forma diálogos que não são falados, são expressados corporalmente:

Portanto, o corpo como um todo se conecta com o mundo o que por sua vez contornará e dará forma na maneira como estruturamos nossa leitura sobre ele construindo as pontes dessa imensa rede neural espalhada por todo o corpo, e a mente se constitui desse emaranhado de maneira conjunta e não de uma parte dele. (MOLINA, 2017, p. 5)

Não há como falar de educação, dança e arte sem colocar em pauta a política e trazer por exemplo as falas de Ailton Krenak é política, já que é ela ou a falta dela nas questões ambientais que modificam tragicamente a natureza como foi o caso do Rio Doce que levará décadas para se recuperar do desastre que ainda reside.

Nesse sentido percebo que atualmente “Questões relativas à situação política e econômica e à pobreza das nossas populações, questões urbanas e sociais, problemas educacionais específicos assumem proporções graves e exigem respostas firmes e rápidas, nunca fáceis” (KRAMER, 1999, p.3). Nem sempre essas respostas, quando são encontradas, podem ser colocadas em prática, há uma dificuldade em se falar de política na atual conjuntura e isso implica em transtornos no meio educacional que já enfrentava dificuldades, e agora mais ainda.

Antes de adentrarmos numa experiência a qual acho interessante trazer como comparação entre a disciplina de Estágio I e II do curso de Dança que aconteceu na escola e a vivência que tive nos CMEIs, quero ressaltar que senti uma certa dificuldade em “me entregar” para o estágio e fora algo que não ocorreu no meu encontro com as crianças.

Encontra-se de forma silenciosa nas escolas padrões de possíveis resquícios ditatoriais, e que cada dia mais toma forma, força e aprovações. A evolução como um todo não segue uma linearidade, geralmente é trajada de altos e baixos e agora está sendo fácil de identificar essa colocação já que anos de lutas sociais em prol da educação, da inclusão e permanência de estudantes, sofreu nos últimos anos um retrocesso com os vários cortes referentes ao repasse de verbas não só em universidades, mas em todo âmbito educacional como o congelamento de “gastos”. Como se saúde e educação fossem apenas gastos, e não investimento sociocultural também.

Me deparei com diversos empecilhos no estágio II no curso de Dança e alguns deles relacionados às percepções citadas no parágrafo acima, o que me incentivou ainda mais a escrever este trabalho e foi convidativo a ampliar minhas

percepções e pensamentos sobre a dança com a Educação Infantil nas instituições de ensino. Durante o estágio comparei minha experiência com o projeto de extensão Dançarelado que participei antes da disciplina de estágio e notei um conjunto de ações presente na escola, gestores e professores que fortificam os muros no diálogo da dança com a educação.

Havia uma certa resistência na compreensão de que conhecimentos sobre o corpo pelo viés artístico da dança é relevante assim como as outras disciplinas e deveria ter a mesma atenção, reconhecimento e importância. É algo que ALMEIDA (2011) nos trás sobre o que a dança pode ser na educação:

Segundo os PCNs (2000) a dança na educação favorece o autoconhecimento e explora a criatividade, despertando a possibilidade de utilização corporal com maior inteligência, responsabilidade e sensibilidade. Pode proporcionar ao aluno a aceitação de si, maior receptividade no relacionamento com os outros e a identificação de seu papel comunicativo. (ALMEIDA, 2011, p. 3)

Torna-se difícil pensar numa perspectiva na qual a criança tenha autonomia se não há espaço para fazer acontecer. Vivenciei várias dificuldades em tentar um diálogo entre a escola em que o estágio se desenvolveu e a maneira como a dança estava presente nesses espaços, não atendendo ao que poderia favorecer: autoconhecimento, criatividade, sensibilidade, aceitação de si e receptividade no relacionamento com os outros (ALMEIDA, 2011) e a autoexpressão.

Comecei a me questionar como tentativa de compreender as barreiras que não me permitiam desenvolver os planejamentos (em dupla com a Taynnã Oliveira ou individualmente) com as crianças nessa escola, já que nos CMEIs apesar de dificuldades encontradas, estas não estavam relacionadas exclusivamente às normas dos CMEIs e sim na forma como eu encontrava dificuldades em realizar as práticas com as ideias dentro do planejamento que eu havia pensado e como a execução na hora da comunicação com as crianças poderia ser complexa.

No entanto, mesmo com essas dificuldades nos CMEIs que partiam da forma como eu me comunicava com as crianças, era fluídico, conseguimos dar uma resolução mais orgânica, já que o sentido de cada atividade estava na experiência em viver a proposta que se apresentava e que dentro de cada atividade havia uma experimentação com o corpo, com elementos da natureza, com os sentidos (5 sentidos).

Observei também que apesar das crianças nos CMEIs terem idades entre 0 a 5 anos senti uma certa facilidade na nossa relação e no estágio I e II as idades entre 6 a 12 anos encontrei uma dificuldade enorme, tenho alguns direcionamentos dos porquês, porém não posso afirmar com precisão pois seria necessário me aprofundar mais sobre e desviar o nosso foco.

Nos CMEIs as vivências em dança eram na própria sala que as crianças já estavam habituadas, no estágio era na sala de dança que havia espelho inclusive, mas nos CMEIs as propostas fluíam, no estágio eu não conseguia manter mais que 10min de oficina, parecia que as crianças na escola sempre estavam ansiosas para acabar logo a aula. Mais tarde entendi que elas estavam cansadas daquele formato, entravam direto para as salas de aula logo quando o portão da escola abria, não havia um tempo para brincar antes, e depois ficavam horas sentadas até o horário do lanche. Então chegavam na aula de dança dependendo do dia ou muito animadas para mexer o corpo, agitadas para brincar com os colegas, ou muito desanimadas e cansadas sem vontade de dançar com muito sono.

Eram escolhidas as turmas as quais iríamos fazer as intervenções e permanecemos com elas até o final do projeto, já no estágio atendemos todas as turmas mesmo indo na escola uma vez por semana, ou seja, no semestre inteiro houve turmas que só tive contato duas vezes, e uma turma apenas uma vez.

Havia também as demandas da escola em relação a datas comemorativas, reuniões, ensaios e isso dificultou nosso diálogo mais ainda pois algumas vezes o planejamento havia sido pensado para uma determinada turma que ainda não havia tido uma interação maior com os estagiários e aí quando chegamos na escola a vivência teria que ser realizada com outra turma por algum motivo entre esses citados acima.

Acredito que a dificuldade central que encontrei no estágio partiram de desconfortos particulares com a gestão da escola e com a interação entre os alunos que quase não ocorreu, no final do estágio eu não conhecia nenhuma criança, não houve uma conexão com elas, não sabia nenhum nome a não ser de uma determinada menina que sempre ia cumprimentar os estagiários, mas a escola não permitia a interação entre estagiários e as crianças no intervalo, não podíamos ficar no refeitório que geralmente é onde acontece as conversas já que o tempo restante

as crianças querem correr no pátio e brincar e na entrada da escola as crianças iam direto para a sala. Adrienne Ogêda atenta para isso em sua escrita sobre a relação professor-escola-tempo-espaço-vivência, e acredito que tenha dado direcionamento para meus questionamentos.

Salas cheias, espaços nem sempre adequadas para o trabalho. Tempo demarcado por uma rotina fracionada, que impõe ritmos, nem sempre aqueles que combinam com o corpo e suas necessidades. Pouco (e por vezes nenhum) contato com a natureza: terra, sol, água e ar puro. Realidade do cotidiano de muitos de nós, que atuamos nos diversos segmentos educacionais, da Educação Infantil ao Ensino Superior. (GUEDES, Adrienne, 2018, p. 305)

Na escola Maria Nosidia não é como se o espaço dentro da escola não fosse propício, muito pelo contrário, havia espaço para as crianças brincarem, mas elas não podiam usufruir da forma que as crianças gostam correndo, brincando até cansar e ficar ofegante.

Já nos CMEIs as crianças podiam interagir com os espaços, com o ambiente, tinham horários também para as brincadeiras, momentos específicos, mas tinham mais tempo de viverem suas infâncias já que não é uma escolarização, não têm aulas.

No caso do Rio de Janeiro, trânsito difícil, transporte público deficitários, longas distancias. Premidos por um “tempo sem tempo”, fazemos as refeições correndo, nos relacionamentos com pressa. Não há tempo para a escuta tranquila, tão pouco para a contemplação. Há sempre um trabalho a nossa espera a ser feito. Atrasados, aos sobressaltos. Tarefas que se acumulam numa lógica produtivista que nos assola. (GUEDES, 2018, p. 305)

Não é apenas no Rio de Janeiro que encontramos essa dificuldade, em Goiânia - GO também, além do transporte corrosivo emocionalmente nos causando um desgaste, há sempre uma longa distância a ser percorrida e que muitas vezes as crianças estão tendo que ser inseridas nessa dinâmica logo cedo, principalmente as de famílias menos favorecidas financeiramente, e isso interfere no cotidiano escolar de diversas formas, nos diversos corpos que permeiam o espaço escolar.

Nesse comparativo entre os ambientes em que atuei (Escola Municipal Maria Nosidia, Centro Municipal de Educação Infantil, ou Centros de Educação Infantil) além dessas dificuldades já citadas, houve desconfortos maiores em relação a minha presença nesses espaços que cabe uma observação dos fatos.

Em alguns diálogos os desconfortos vieram em frases que observei logo no nosso primeiro dia: “É necessário ter domínio de turma!”, “As crianças estão adestradas, por isso essa turma não dá trabalho”. Confesso que foi um choque encontrar esse tipo de frase tão problemática num ambiente escolar e gerou uma certa crise existencial ocasionada pela decepção, porém foi importante o impacto, é a realidade de muitas escolas e precisamos enquanto professoras estar preparadas.

As aulas de dança presente nessa escola eram de forma mecanizada e muito pouco artística, não estimulava a criatividade das crianças, muito longe do que a dança é e tudo que ela pode ser nesses espaços:

Sob esta perspectiva é importante que a dança pertença ao cotidiano da educação, mas que não seja qualquer dança. Uma dança que não se fundamente na repetição e na reprodução de movimentos estereotipados e previamente construídos; uma dança que tenha como perspectiva a universalidade do movimento, a qual é suporte da ação criativa, interpretativa, espontânea e educativa; que foque o movimento expressivo; que favoreça o autoconhecimento do corpo, de seus limites e possibilidades (GODOY, 2007) e, que permita trocar experiências com o outro, destacando-se como elemento transformador. (ALMEIDA, 2011, p.3)

Além das frases preconceituosas e racistas fazendo analogia ao *blackface* como usar perucas de cabelo crespo e pintar o rosto de preto no carnaval ou dia da consciência negra, incentivando as próprias crianças a serem racistas quando apontam exemplos de cabelos que poderiam ir sem amarrar e os que não poderiam por ser mais “confortáveis para os piolhos”, a forma no tratamento mais carinhoso com crianças “menos problemáticas” que no caso eram nomeadas assim as crianças com hiperatividade, autistas, ou especificidades não diagnosticadas mas destoante com crianças comuns na sala de aula.

O questionamento que mais me fiz foi: Como é possível desenvolver um trabalho sensível e criativo em um espaço autoritário, inflexível em novas experiências e pouco dialógico na relação professores e estudantes? Sem abertura para experimentações e todas as ideias chegarem aos ouvidos dos gestores e professores como absurdas e inviáveis para serem colocadas em práticas (como uma aula no espaço externo da sala, no gramado ou uma atividade em que tanto meninas quanto meninos precisam mexer os quadris).

Encontrei caminhos para esses questionamentos lembrando como consegui os meus objetivos em espaços nem sempre propícios a isso, formas e estratégias

que fui encontrando para me adaptar e quiçá apresentar às crianças que a adaptação não precisa ser castradora e que sua individualidade não precisa caber em alguém porque o outro já tem a sua própria.

Essas reflexões me deixaram sem vontade de desenvolver a pesquisa no início, e foi um balde de água fervente, comecei a acreditar que todas as escolas seriam assim e me senti iludida, desmotivada e sem norte, afinal o que mais aprendi na faculdade foi sobre formas de educação mais saudáveis, mais inclusivas, vários diálogos e debates sobre autoritarismo e militarismo nas escolas, racismo, gênero e sexualidade etc... e tudo o que eu encontrei logo no primeiro estágio foi o contrário da bagagem que adquiri. Tive um certo impacto emocional com o formato das escolas e demorei muito para compreender o porquê, e atualmente penso que era um lugar num momento para se desencontrar, saber em quais ambientes tenho maior dificuldade em estar presente.

Depois de seis meses consegui me reconectar com a faculdade sem estar decepcionada com o meu futuro, no fim me senti muito grata por ter tido a oportunidade de dialogar sobre pautas importantes e que talvez se eu não estivesse num ambiente assim não teria esses pensamentos, reflexões e posicionamentos, então todas as experiências foram válidas e extremamente importantes para minha construção enquanto professora, artista e humana. Foi a famosa crise existencial/profissional/social.

Penso então que essa comparação de experiências vividas entre a escola e os CMEIs me levou a procurar por autores que nos aproxime mais dessas questões e reflexões citadas anteriormente na tentativa de dialogar com as dificuldades encontradas. Com isso acredito que consegui tirar proveito dessa experiência no estágio e transformar em força através da escrita, e melhor ainda: entendi que meu lugar é na área da Educação Infantil, quiçá um dia eu explore o ambiente escolar mas até lá prefiro aprender com as crianças e bebês nesse espaço que me senti mais acolhida (CMEI).

Por que falar de sentimentos na dança dentro da educação?

Acredito que através dessa pesquisa possamos refletir que a dança pode ser prazerosa e ao mesmo tempo trazer conhecimentos diversos de si e do outro e que

“os sentimentos de prazer segundo Damásio tendem a provocar uma atenção mais multifocalizada” (LEAL, 2012). Então se é prazerosa as vivências, isso torna a experiência mais atraente para as crianças.

A dança (não me refiro a uma estética/estilo de dança, mas em seu contexto mais amplo) é uma arte corporal que mostra caminhos de se expressar no mundo a individualidade própria do ser, a lidar com as mais variadas emoções através dos estímulos que o cérebro recebe em suas diferentes áreas (regiões cerebrais que liberam os hormônios Anandamida, Oxitocina, Dopamina, Endorfina sendo estes considerados os hormônios da felicidade/prazer).

Exemplo do processo que ocorre na nossa visão diz desse lugar da experiência sensorial como parte do processo de desenvolvimento corporal e como a partir de neurônios e através da retina conseguimos acessar sentimentos, afeto, memórias, humor, e toda nossa rede sensível (DAMÁSIO, 2011).

Nosso sistema pautado apenas na racionalidade nos fez inibir nossas emoções mais sinceras desde a infância “Não grita! Não chora! Não pode rir alto! Fala baixo!” e penso que se não expressarmos na infância essas emoções básicas o que nos ocorre é uma saturação de sentimentos que nunca foram colocados em prática, nunca foram questionados “Porque você está chorando? Porque você está gritando com o seu amigo? Porque está tratando sua amiga dessa forma? Por que você bateu no amigo? Porque mordeu? Por que jogou no chão?” ou o que acontece é que não foi dada a oportunidade de compreender/conhecer tal sensação e expressá-la de forma não agressiva, afinal há várias formas de nos expressarmos.

Em exemplos como o sentimento de tristeza a orientação dada sempre é “não precisa chorar! Pare com o drama”, como se as crianças não ficam tristes, chateadas ou quando o sentimento de raiva (sim, as crianças sentem raiva também porque a raiva é uma manifestação de sentimento humano e completamente natural) é expressado com gritos e agressões e a orientação é devolvida em gritos, ameaças e agressões que muitas vezes as crianças aprendem esses comportamentos com adultos ou outras crianças que também aprendeu com adultos.

Levando em consideração esses sentimentos que nos ensinaram a reprimir e que mais tarde não saber expressá-los ou entendê-los acarreta-se uma série de transtornos como explosões de raiva que poderiam ter sido canalizadas de outras

formas, temos uma sociedade doente não por coincidência, temos uma geração de jovens no auge do suicídio e depressão com a geração anterior deprimida, transtornada de diversas formas por várias pressões sociais que não conseguiram canalizar de nenhuma forma um sentimento que não sabe dar nome e que mais grave que não reconhecer é não aceitar ajuda psicológica ou de qualquer outra instância. Trago esta inquietação com tom de preocupação e não deixar de percebê-las já que estão interconectadas e que GUEDES (2018) nos leva a uma conversa reflexiva de que:

Até onde saúde e educação conversam estreitamente? Como a doença invade as salas de aula e interfere ou impacta as relações que empreendemos em nosso cotidiano? De que maneira um corpo em sofrimento, sem energia para mover-se e relacionar-se, com dores e limites imobilizadores e limitantes, pode de fato estar disponível para o encontro que é o fazer educativo? E se tais fronteiras são tênues, o que cabe a esse espaço formativo? (GUEDES, 2018, p. 311)

De acordo com GUEDES (2018) “além das práticas corporais é fundamental que se propicie um espaço coletivo para expressão e elaboração do que foi observado, sentido” no caso das vivências com as crianças o que era sentido, expressado e observado acontecia de forma simultânea durante alguma atividade corporal, acontecia dançando e durante nossa dança surgiam diálogos corporais que nos comunicava sono, tédio, felicidade, tristeza, desconfiança etc...

Percebi durante a trajetória algumas manifestações que nos chamaram mais a atenção presente em alguns corpos infantis como a **ansiedade, explosões de raiva, stress, cansaço** exacerbado e quando ocorria uma mudança repentina de comportamento estava atrelada a algo que estava afetando a criança direta ou indiretamente e variava em separação dos pais, um irmão que acabou de nascer, alguém que faleceu ou foi embora, noite mal dormida, situações de agressões em casa. Ou seja, uma série de emoções que não devem ser ignoradas, precisam ser levadas em consideração no cotidiano dos CMEIs o que tornaram as **vivências flexíveis e adaptáveis**. Alguns dias quando percebia que não daria para desenvolver uma atividade que exigia mais animação das crianças e elas estavam desanimadas, sonolentas, eu trocava o planejamento, fazia alterações para deitar mais no chão, ficar sentadas, rolas e assim seguimos.

Algumas crianças agrediram colegas com mordidas e beliscões. Duas turmas com idade de 3 anos mordiam e beliscavam uns aos outros, duas crianças em específico tanto a professora quanto o/a auxiliar de sala precisavam estar sempre atentos pois sempre aconteciam as mordidas. Com o tempo fomos tentando um diálogo com essas crianças e percebemos que haviam dias que elas demonstravam uma irritação extrema e que não podiam chegar perto, e era nesses momentos que aconteciam as agressões. Dessa forma

Nosso corpo comunica com seu gestual expressivo, dizendo de nós, de nossos afetos, disponibilidades, estados emocionais. Nosso corpo, “traz uma história, uma espécie de memória que está impregnada nos músculos, nos tendões, nos órgãos, no padrão de respiração. (GUEDES, 2018, p. 313)

Ou seja, os corpos nos comunicam muitas coisas através do que se expressa e conversando com a professora em sala ela disse que havia uma questão de separação entre os pais e que depois disso surgiu esse comportamento, não posso afirmar a causa, mas destacamos essa observação. Durante as vivências com outras crianças começamos a enfatizar que o corpo do amigo é parecido com o nosso, e que temos que tratá-lo com carinho e respeito.

Foi significativa a diminuição das agressões (em específico no CEI Luigina) porque ao longo da semana os professores foram reforçando esse diálogo lembrando algumas atividades sensoriais que fizemos juntos. Fernanda Almeida nos trás o pensamento do trabalho com a coletividade presente na dança e as transformações observadas que conecta-se com esta ideia:

Percebeu-se por meio da experiência relatada que dançar com o outro, olhando-o, sentindo-o e conectando-se a ele proporciona, não só uma ampliação do repertório motor e criativo da criança, mas possibilita também, conhecê-lo, respeitá-lo, compreendendo as diferenças e as multiplicidades que fazem parte da sociedade em que vivemos, promovendo valores como a solidariedade e a cooperação. Valores que favorecem a formação de cidadãos críticos, capazes de pensar e atuar na coletividade. (ALMEIDA, 2011, p. 11)

No CEI Maria Genoveva (Centro de Educação Infantil Maria Genoveva) e CEI Luigina (Centro de Educação Infantil Luigina) professores e auxiliares de sala tiveram uma participação efetiva e nos ajudaram a desenvolver e perceber cada vez mais a importância da pesquisa, usaram e por vezes transformaram algumas

vivências com as crianças ao longo da semana e pude observar a diferença nos corpos, na nossa comunicação e conexão quando começavam as atividades.

Notei a importância da presença dos professores nas vivências com as crianças dos CMEIs porque elas se sentiam mais motivadas a participar e confiantes, e quando a professora falava “olha eu vou fazer também” todos se sentiam mais à vontade.

Mesmo quando não participavam dançando as crianças procuravam pela professora para saber se ela ainda estava lá, ou quando acontecia alguma coisa corriam para ela e isso me ajudou muito porque nosso tempo era curto e íamos uma vez por semana então cada momento que parávamos por algum motivo a quebra não ocorria só na vivência, às vezes atrapalhava alguém que estava começando a interagir mais com a proposta nas experimentações.

Capítulo 2- Água

Dando fluidez e permeabilidade nos corpos e espaços.

O menino que carregava água na peneira

*Tenho um livro sobre águas e meninos.
Gostei mais de um menino
que carregava água na peneira.
A mãe disse que carregar água na peneira
era o mesmo que roubar um vento e
sair correndo com ele para mostrar aos irmãos.
A mãe disse que era o mesmo
que catar espinhos na água.
O mesmo que criar peixes no bolso.
O menino era ligado em despropósitos.
Quis montar os alicerces
de uma casa sobre orvalhos.
A mãe reparou que o menino
gostava mais do vazio, do que do cheio.
Falava que vazios são maiores e até infinitos.
Com o tempo aquele menino
que era cismado e esquisito,
porque gostava de carregar água na peneira.
Com o tempo descobriu que
escrever seria o mesmo
que carregar água na peneira.
No escrever o menino viu
que era capaz de ser noviça,
monge ou mendigo ao mesmo tempo.
O menino aprendeu a usar as palavras.
Vi que podia fazer peraltagens com as palavras.
E começou a fazer peraltagens.
Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.
O menino fazia prodígios.
Até fez uma pedra dar flor.
A mãe reparava o menino com ternura.
A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta!
Você vai carregar água na peneira a vida toda.
Você vai encher os vazios
com as suas peraltagens,
e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos! - BARROS, M. Exercícios de ser criança. São Paulo:
Salamandra, 1999.*

A estrutura prática das vivências foi planejada pensando nas experiências anteriores que tive com os bebês nos CMEIs, em específico no CEI Maria Genoveva em Goiânia, observando as turmas para ter uma noção das necessidades coletivas e individuais e acompanhando a rotina antes de começarmos as intervenções. Há

um diário de campo no qual foi registrado semanalmente após as atividades e como esta aconteceu o desenvolvimento das crianças em relação às propostas.

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, é um período propício para a educação, no qual é despertada, na criança pequena, uma enorme gama de possibilidades para seu desenvolvimento como pessoa autônoma e segura. É um momento de conhecimento do mundo, do corpo, do outro e das capacidades comunicativas. A criança descobre suas preferências, amplia seu leque relacional e seu repertório de movimentos. (ALMEIDA, 2011, p. 2)

Importante ressaltar que várias vivências utilizamos materiais como bacias para fazer o som de gotas e de chuva, borrifadores de água, arroz, feijões, penas e tecidos etc... Podemos visualizar as vivências de várias óticas, para as crianças era uma brincadeira que às vezes virava dança e vice-versa.

Para alguns adultos que estão observando pode ser só uma brincadeira sem fundamento, então vale lembrar que “nessa diversão a criança compreende e experimenta o mundo a sua volta, entrando em contato com os elementos da natureza e com situações e objetos social e culturalmente construídos”. (ALMEIDA, 2014 p.7), afinal é mais interessante entender como funcionam os movimentos do quadril com uma bacia cheia de água/arroz andando pelo espaço ou sem nada disso?

Algumas crianças tive que focar mais a atenção e observar se quem chora sempre que vê alguém desconhecido (a mãe disse ser trauma por ter sofrido assalto de forma violenta com a criança em casa, e isso é relevante já que para quem não conhece a criança ou sabe da sua trajetória pode ser lido como um comportamento “normal” ou uma criança manhosa) está chorando menos na sala e interagindo mais com a turma durante as vivências e se está se sentindo bem com a minha presença, pois eu era alguém estranha e fora da rotina dela.

Através disso percebi que o tempo de adaptação das crianças com relação às vivências que fazíamos era bem variada, ou seja, cada um tinha seu determinado espaço e abertura num período de tempo particular.

Essas percepções fazem uma diferença significativa já que é com elas que começo a conhecer e entender as especificidades de cada criança, vou dando outros estímulos para explorarem cada vez mais as vivências, isso vai aprimorando

nosso contato para se sentirem mais à vontade e me mostrar as suas danças também, ou seja, é necessário explorar o mundo delas e:

Reconhecer na infância sua especificidade - sua capacidade de imaginar, fantasiar e criar - exige que muitas medidas sejam tomadas. Entender que as crianças têm um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, que subverte o sentido da história, requer que se conheça as crianças, o que fazem, de que brincam, como inventam, de que falam. (KRAMER, 1999, p. 2)

Uma das vivências que exemplifica o parágrafo anterior: há uma atividade em que levo água no borrifador com essência de alfazema e já sei que em um primeiro momento vão ficar muito animados e vão gritar, dar risadas, querer correr da “chuva”, e pensando nessa possibilidade levo sempre algum instrumento sonoro para que eles se concentrem em ouvir e já chego com uma carta na manga de que “quando o vento soprar todos devem sentar”, ou andar em câmera lenta, ou ficar estátua. Depois uso o borrifador de novo e peço para respirar bem fundo para identificar “que cheiro a água tem?”. Nessa segunda vez usando a água as crianças estão menos agitadas e mais concentradas. As crianças vivem essa chuva e esse vento, não só interagem como entram no universo que é criado e na história contada.

Foi desenvolvida essa técnica com a participação de Jéssica Tavares e a prof. Ms. Fernanda Almeida. No CMEI Jardim das Aroeiras nós desenvolvemos o projeto de extensão com idades entre 3 a 5 anos e isso facilitou na hora de conversar sobre o planejamento e como havia ocorrido porque havia mais olhares sobre as crianças e mais ideias iam surgindo e percebemos que o uso dos materiais era importante, fizemos testes, observamos, dialogamos com o grupo de estudo GPDAEI (Grupo de Pesquisa em Dança: Arte, Educação, Infância).

Uma orientação interessante trazida por Almeida e Andrade para as primeiras intervenções entre professores e crianças na inserção da dança é que

Nesse contexto, sugerimos iniciar o trabalho em dança pelas ações básicas do cotidiano: as ações corporais – rastejar, engatinhar, rolar, andar, correr, girar, saltar, entre outros - como o objetivo de favorecer aos pequenos o reconhecimento e a conscientização das possibilidades de movimentação corporal que podem ser utilizadas nas improvisações. (ALMEIDA, ANDRADE, 2014, p. 11)

No começo há muita euforia e agitação no CMEI, e pode ser devido a animação de receber alguma coisa diferente da sua rotina, como por exemplo o

projeto de extensão com as aulas de dança. Os encontros aconteciam uma vez na semana logo depois do intervalo para o lanche das crianças de 3 anos. E sabem que quando chego para fazermos nossas atividades de dança sempre tem alguma novidade, um instrumento diferente, uma música, uma dança nova para criar.

Com essa percepção de que estão à espera de algo, continuo levando novidades, levo uma música, uma história, e principalmente exercícios sensoriais no começo da vivência para que a agitação após intervalo diminua, ou após o sono da tarde possam estar mais presentes para as propostas e não se dispersem da proposta que será dada posterior ao exercício sensorial.

O poder da frase “tenho uma surpresa para vocês” é magnífico mesmo que a surpresa seja um pandeiro, tecido, balões, ou uma atividade nova na dança. A surpresa promoveu a transformação da ansiedade e agitação em gás para remexer o corpo e criar ideias.

No início há sempre com uma conversa em roda para relembrar as vivências anteriores e sigo fazendo perguntas para estimular a memória (dica dada pela Prof. Ms. Fernanda Almeida pelo fato de irmos aos CMEIs uma vez por semana), e nesse momento me mostram as respostas com a linguagem corporal e/ou falada, me mostram um movimento ou falam sobre o que aconteceu na vivência passada: “aquela música aê aê aô e depois fizemos assim...”, “O vento! E a gente fez assim (girar com os braços abertos)”.

No dia do conto “A criação da Cerejeira” foi um marco importante para mim porque percebi que podíamos conectar várias experiências sensoriais numa mesma proposta, sem exagerar nos estímulos e que as crianças podiam interagir com outras ideias. Por exemplo, nesse dia andamos “como árvores grandes e fortes”.

Durante a vivência uma criança me perguntou se o cajueiro lá fora era igual à cerejeira, respondi que não e perguntei o que tinha de diferente e ela me respondeu com a mão um “S”, que é a característica retorcida das árvores do cerrado e que não era rosa, então perguntei se podíamos andar igual as árvores lá fora. E comecei fazendo alguns movimentos torcidos e cada um fez o seu torcer, imitando a árvore que estávamos vendo.

Perguntei se podíamos dançar como se o vento mexesse nosso corpo igual faz com a árvore com ventos fortes e suaves. Dançaram cada um da sua maneira,

em alguns momentos tive que intervir para que lembrassem de mexer outras partes do corpo como o quadril que é a parte menos explorada pela maioria, e deixo que experimentem porque esses são os momentos importantes.

Percebe-se então como a criança naturalmente é pesquisadora quando lhe são dadas as oportunidades de explorar os arredores e a si mesma. É algo destaquei a partir do que Luciana Ostetto nos trás e que reflito essa poética:

Do seu encontro com as crianças, destaca-se uma visão da arte como um processo contínuo e cotidiano, que envolve pesquisa (duvidar, fazer perguntas, buscar, experimentar, explorar materiais, ideias e possibilidades), conquista de autoconfiança (a crença pessoal na capacidade de fazer e aprender, ensaiando autoria), coragem de ir aonde não se conhece, lá onde o oculto do mistério se esconde. (OSTETTO, 2011, p. 3)

Sendo nós (quem estava propondo a vivência e as crianças) pesquisadores corporais, as vivências seguiam partindo da **memória** (relembrando o encontro anterior) **materiais** para compor nossos movimentos e auxiliar na **pesquisação e ideias**. Por exemplo, citado no parágrafo acima foi uma vivência que deu origem a outra em que íamos focar no vento e suas várias possibilidades a ser explorado, ou seja, tiveram um primeiro contato com o que eu queria apresentar para as crianças através do elemento ar gerando possibilidades de improvisar soltando o corpo, movendo de uma forma diferente, pensar nas várias partes do corpo e depois tentar corporificar o que assistimos e observamos (as várias formas do vento balançando árvores e em geleiras).

Haselbach (1988) afirma que improvisar em dança é combinar e recombinar qualidades dinâmicas de movimento do corpo em ação, sob condições específicas antecipadas para esse fim ou decorrentes de um momento anterior da aula e/ou da ação. Isto é, improvisar em dança é compor, rearranjar e mesclar movimentos do repertório motor baseados em algum tema, motivação, objeto, música, parceiro, entre outros. Essa combinação resulta, em alguns casos, na criação de novas formas gestuais, inéditas e inusitadas (LIMA, 2009). (ALMEIDA, ANDRADE, 2014, p. 10)

Dessa forma usamos como estímulo sonoro o som do conduíte para ser o vento que balança as árvores para mudar o tempo dessa dança, fazer o vento bem forte para se moverem mais rápido ou fazer o vento bem lento e com volume baixo para se mexerem menos e mais lentamente. Já no encontro seguinte, a temática de vento foi para interagir com o corpo do outro e explorar os fatores labanianos como **peso, espaço, fluência, tempo**:

Recomendado por Laban (1990) para a iniciação da criança no mundo da dança, a improvisação dirigida ou temática desvia-se dos tradicionais processos de ensino e aprendizagem, puramente técnicos e estereotipados, proporcionando o desenvolvimento da personalidade na medida em que o sujeito escolhe seus movimentos e libera a expressão dos gestos. É o agir, sentir e pensar se manifestando simultaneamente na expressão do corpo. (ALMEIDA, ANDRADE p. 10, 2014)

Facilitou nos nossos curtos processos de criação quando percebemos que “apresentar desafios para os quais não se espera uma única resposta é algo distinto de oferecer uma atividade “para fazer assim”, para chegar naquilo que o professor determinou que seria o produto final” (OSTETTO 2011, p. 3), por que não esperávamos um produto final, apenas a entrega do que reverberou com a experiência vivida e essa reverberação nos entregou pequenos processos de criações e coreografias orgânicas criada pelas crianças.

Implica em considerar especificidades de um campo de conhecimento que não se define pela norma, pois não há regras fixas no modo de produção da arte, suas linguagens são territórios sem fronteiras. Pesquisar, mergulhar no desconhecido para testar novos materiais e formas, experimentar diferentes elementos ainda não apropriados, integram o fazer artístico. (OSTETTO, 2011, p. 3).

Algumas observações importantes que notamos durante a pesquisa foram em relação à interação das crianças com os objetos. Algumas experiências precisam de tempo para fluir, havia quem nunca teve contato com incenso por exemplo, ou ainda que no cotidiano veja tecidos diversos, lençóis e cortinas, nunca havia sido designado a elas um tempo de experimentação livre com esse tecido, de poder brincar com ele ou inventar uma dança.

Desse modo, deixávamos que experimentassem sozinhos por um tempo a fim de se concentrar na proposta logo em seguida. Isso foi sendo naturalizado como um diálogo interno. Nós chegávamos com algum objeto, eles experimentavam e depois já esperavam por alguma outra proposta ou nos apresentavam uma: “a gente pode fazer assim também né?”, “olha dá pra fazer um furacão assim”, “tia você sabe fazer isso também?”.

Alguns continuavam imersos num mundo paralelo entre a experimentação e o objeto, antes eu não entendia que cada um tem uma forma de interagir com o mundo, com as coisas ao redor, então eu “atrapalhava” a criança que estava imersa

numa experimentação mais detalhada com um objeto pedindo para fazer outra coisa, um movimento.

Krenak traz de sua cultura o “suspender de céu”, que vale a pena ser apreciado.

Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades — as nossas subjetividades. Então vamos vivê-las com a liberdade que formos capazes de inventar, não botar ela no mercado. Já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira tão indefensável, vamos, pelo menos, ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões, nossas poéticas sobre a existência. (KRENAK, 2019, p. 15)

Vale a pena também pontuar o que Luciana Ostetto nos apresenta que é a intervenção de professores nos trabalhos das crianças, neste caso, comparo a minha intervenção enquanto professora na experimentação ou dança alheia da criança em questão e o quanto isso causa uma deslegitimação de algo que a criança esteja descobrindo ou produzindo. Interferir na sua criatividade é diferente de interferir em um movimento que pode ocasionar talvez uma lesão, expresso aqui especificamente sobre a intervenção na arte, na criatividade alheia.

Outro equívoco, muito comum na educação infantil, revela-se nas intervenções do professor sobre o desenho da criança, seja escrevendo/nomeando com sua letra “o que” a criança desenhou, seja dando aquela “ajeitadinha”, o “retoque final”, para a exposição, para colocar na pasta, para mostrar aos pais... Equívoco, sim, pois na verdade temos aí a negação do desenho como linguagem. Por quê? Ora, se o desenho é linguagem se constituindo que expressa, comunica e diz de um processo vivido, deve valer por si mesmo e não pela “legenda” que o professor coloca! (OSTETTO, 2011, p. 11).

Nesta perspectiva das interferências por parte de professores sobre os trabalhos das crianças me trouxe lembranças de que no início das minhas atuações como professora foram exatamente assim, interferindo, corrigindo, sendo impositiva e inflexível a novas ideias por parte das crianças. E foi dessa forma que (des)aprendi a ser professora, é algo muito recorrente essa atitude dentro do ballet, e que infelizmente costuma ser naturalizado e eu vim dessa base que até então eu não havia questionado, ou havia conhecido outras formas/possibilidades de ensino em dança.

No entanto, tudo mudou depois dessas experiências, projeto de extensão e o grupo de pesquisa. E se eu disser que atualmente não reproduzo essas atitudes não será verdade, pois é um processo de desconstrução, um processo de reconstrução também e que demanda tempo, paciência com o meu próprio desenvolvimento.

No CMEI Jardim das Aroeiras as observações da Jéssica Tavares e da Fernanda Almeida me ajudaram a entender que haviam especificidades nas crianças e começamos a deixar um momento de descobertas livre para antes de propor uma atividade. Isso serviu para todas as propostas seguintes e até nos próximos CMEIs que atuamos.

Ou seja, a criança que está pulando, girando, fazendo movimentos mais elaborados com o tecido está interagindo mais do que a criança que está colocando o tecido no rosto e fingindo ser um fantasma? Certamente não! Ambas estão interagindo com a sua peculiaridade da forma como desejaram.

Também colocamos limites em determinadas atividades antes de apresentá-la, por exemplo no dia da gota levamos bacias com água e deixamos bem conversado que não podia jogar água no colega e era para apenas observar a água sem pôr a mão. Explicamos que depois poderiam mexer, mas primeiro era para olhar e sentir o cheiro. Todas as turmas entenderam bem, é claro que sujaram o chão, mas depois secamos com o pano e pronto. A proposta era interagir com essa água, observar como as gotas caem do dedo, como cai na pele, como escorre pelo corpo, a interação entre o corpo e a água.

Figura 1 - Céu de Van Gogh



Fonte: Luana Ághata, 2019.

Registro feito no CMEI Village Atalaia em 2019- Pintura com base nas obras de Van Gogh que a professora regente propôs às crianças e logo depois usei a tinta azul para a atividade do mapa que a gota faz no meu corpo, aproveitando que já estavam mexendo com tinta e sentindo sua textura.

Penso sobre a relação das pinturas com a dança e reflito em como a prática com a pintura leva a uma identidade pessoal (o traço ou estilo específico que cada pessoa desenvolve), na dança os estímulos (sonoros, visuais, olfativos, táteis etc...), as invenções que surgem a partir da observação de um elemento da natureza, utilizando diversos materiais traz também a identidade corporal que vai surgindo e que é a criança desenvolve no percurso.

Como um pedaço de tecido vira capa de super herói/heroína? Ou um fantasma? Uma saia, um vestido, uma coberta, um casulo, um esconderijo?

Retorno sempre à minha base quando reflito sobre invenções, tintas, criatividade. Minhas lembranças mais antigas da infância são a primeira vez que vi tintas na minha vida, quando minha mãe me mostrou o que era pintar depois de ter me mostrado como eu poderia desenhar. Eu amava muito pintar com os dedos, mas depois enjoei de ter que lavar as mãos sempre, a tinta secava na mão e gruda, rasgava o papel porque os dedos ficavam com camadas de tintas grossas, a

qualidade do desenho não ficava o mesmo que o da minha mãe que pintava com pincel, então comecei a querer usar mais o pincel, e eu só pintava as mesmas coisas sempre, o mar, um navio, uma ilha, e pássaros no céu porque foram as coisas que me condicionaram a fazer, mas em um determinado momento enjoiei e comecei a fazer rabiscos, céu pintado de verde, cachoeiras com branco, casas, nuvens, árvores, objetos e o mundo que eu via todo dia.

No meio de toda essa história, estamos nós, adultos-professores, que também fomos interditados na nossa ação de sonhar, de jogar e inventar mundos. Também fomos reprimidos em nossas linguagens e possibilidades expressivas. E então, o que acontece? Não raro, temos dificuldade em respeitar e valorizar o jogo das crianças, seus modos de criar e inventar modas, seus jeitos de dizer e representar o real. (OSTETTO, 2011, p.12).

Nesse sentido, ter um momento de retorno à base, ao início, gera não só nostalgia, mas compreensão. Conviver com as crianças com o olhar de quem estava descobrindo-as, como se fosse meu primeiro contato com algo que eu nunca ouvi, vi, ou senti fez conexões com minhas memórias, gerou dúvidas “Será que se eu tivesse participado da creche eu teria sido assim igual a Carol?”, “será que eu seria menos tímida?”, “Eu fazia isso quando eu era criança?”, “Que criança eu fui?”, foi um lugar de certo reencontro e Kramer traz algo muito significativa nessa perspectiva:

Se compreendermos as crianças, compreenderemos melhor nossa época, nossa cultura, a barbárie e as possibilidades de transformação. Para a educação infantil desempenhar seu papel no desenvolvimento humano e social é preciso que a criança não seja vista como filhote ou semente, mas como cidadã criadora de cultura, o que tem implicações profundas para o trabalho em creches, pré-escolas e outros espaços, de caráter científico, artístico ou cultural, já que "as crianças se sentem irresistivelmente atraídas pelos destroços que surgem da construção, do trabalho no jardim ou em casa, da atividade do alfaiate ou do marceneiro. (KRAMER, 1999, p.2)

Acredito que se não fosse meu contato com a arte na infância, fora dos espaços formais, eu não sentiria vontade de falar sobre esses processos necessários à educação infantil, ou aos bebês, já que na escola a vertente artística era as artes plásticas apenas, e também não teria escritos históricos para as vivências como o Conto da Cerejeira, pintado e criado (junto com a Lyvia Pires Tavares e Jéssica Tavares) e um livro para contação de história “Os Seres Dançantes e Onde Habitam” relacionado a dança e aos exercícios sensoriais.

Figura 2- Contação de História, Seres Dançantes e Onde Habitam.



Fonte: Fernanda Almeida, 2018.

Vivenciei a complexidade da arte ser aceita de uma perspectiva que vise a experiência da criança e não a atividade em si, que valorize a descoberta expressiva infantil ou que quem esteja em evidência nas propostas seja o produtor e não o produto (OSTETTO 2011).

O professor precisa alimentar sua expressão e conectar-se com ela, precisa reconquistar o seu poder imaginativo, se pretende e deseja garantir a criação, a expressão das crianças. A educação do educador é essencial e, no que diz respeito à arte, passa necessariamente pelo reencontro do espaço lúdico dentro de si, pela redescoberta das suas linguagens (perdidas, esquecidas, onde estão?), do seu modo de dizer e expressar o mundo. (OSTETTO, 2011, p. 12).

Recordei outro fato interessante em relação aos desenhos e mais precisamente às aulas de artes. Meus amigos costumavam ficar de recuperação na disciplina de Artes com frequência, e aí nós ficávamos brincando e fazendo piadinhas dizendo “quem fica de recuperação em Artes?!”, hoje penso que muito provavelmente a falta de sentido (os trabalhos tinham início e fim em si mesmos, e fazíamos só para ganhar nota, não havia um estímulo que despertasse interesse realmente) atribuída às atividades fizera-os desistir de interagir com as artes.

Acredito que por não considerarem sua importância, já que um queria fazer faculdade de engenharia e outro de física, e há uma certa desvalorização da arte por

parte de outras disciplinas dentro da escola e que muitas vezes a própria escola reforça isto ou minimiza a sua magnitude.

Toda criança desenha, mas ao longo da vida, influenciada sobretudo pelos processos escolares, vai abandonando sua produção e então chega à vida adulta sem saber qual é o seu traço, qual é a sua marca. Vai perdendo a capacidade de designar, de afirmar-se produtora de sentidos, sujeito criador de mundos [...] (OSTETTO, 2011, p. 10)

Nas experiências em campo percebi que as crianças quando têm a sua arte legitimada e vista como importante fica feliz e se esforça mais para registrar sua presença, quer mostrar suas capacidades, suas conquistas. Elas chegam dizendo “Olha o que eu sei fazer!”. Movimentos que criaram durante as vivências e eu notava e sugeria imitarmos o que alguém havia acabado de fazer, gerava uma empolgação diferente na sala, as outras crianças inventam mais movimentos dançantes, aparentemente para serem notadas também ou porque a partir dessa imitação uma ideia. Era um momento para protagonizar as vivências.

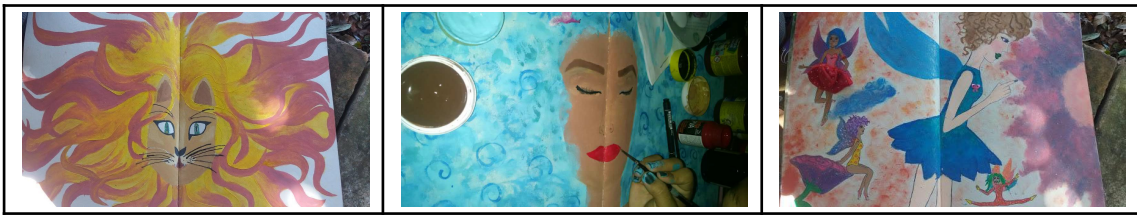
A própria imitação, atividade polêmica no meio educacional, é com certa dose, nesta fase do personalismo, benéfica e não talha o potencial criativo do aluno. Seguindo a teoria de Wallon, a imitação nunca é uma simples reprodução inconsciente de determinada ação. Ao imitar, a criança amplia e enriquece as possibilidades de sua pessoa pelo movimento de incorporação do outro. Esta incorporação é reelaborada pela criança, julgando o que fará ou não parte de si. (ALMEIDA, 2011, p. 9, 10)

No início alguns ficam mais retraídos e a imitação foi importante no nosso diálogo, o “faz de conta” levou a criações interessantes. Durante o decorrer das semanas vão se soltando cada vez mais dentro das suas individualidades, porque há crianças que não querem chamar a atenção e fazer tudo num cantinho, com um certo minimalismo nas movimentações e não por isso são anormais, é uma característica própria.

Nas minhas experiências também passei por um processo de resgate das minhas artes na tentativa de me encontrar artista nas mais diversas vertentes e a trajetória na faculdade, a relação com as crianças trouxe essa vontade de visitar as Luanas artistas que habitam em mim. Senti uma vontade enorme de pintar depois de ver as crianças pintando, e quis pintar também apenas por prazer, sem objetivo, sem um propósito além de única e exclusivamente ser prazeroso mexer com tintas.

Essa vontade e esse sentimento de prazer que gerou o livro “Seres Dançantes e Onde Habitam” ao qual escrevi a história e construímos um livro, eu Jéssica Tavares e Lyvia Pires, usamos os materiais que a Jéssica já tinha em casa e algumas coisas que eu tinha, a Lyvia nos ajudou a desenhar as figuras principais do livro e fizemos um livro grande em que as crianças podiam sentir as texturas, cheirar, e interagir com a história porque usamos ela como referência para as próximas aulas.

Figura 3- Livro Seres Dançantes e Onde Habitam.



Fonte: Luana Aghata, 2017.

A apreciação estética tem parte fundamental dentro da pesquisa também, tendo em vista que utilizamos como auxílio para propostas com o intuito de “ultrapassar as fronteiras de uma mera observação, favorecendo o diálogo sobre dança como linguagem artística e a experimentação corporal do que foi visto, ou seja, a fruição” (ALMEIDA, 2014).

Deixou algumas propostas muito emocionantes para quem estava “assistindo” e neste caso eu e a professora da sala que vimos as crianças observar o que estava no vídeo e trazer para o corpo de um jeito diferente e criativo mesmo quando “imitavam”, o que já não era imitação propriamente dita porque o que chegou no corpo estava ressignificado.

Sendo assim, penso que trabalhar, falar, ouvir, pensar sobre a Educação Infantil nessa proposta de uma educação que integre e não fragmente o corpo, é um ato de revolução pensando no longo caminho que a humanidade percorreu para que hoje pudéssemos escolher com quem se relacionar de maneira geral, e começar a se questionar de onde inicia nossos traumas emocionais mais profundos, e que podemos até mesmo nunca chegar a ter consciência deles, afinal é um processo longínquo que demanda tempo, esforço, dinheiro e pode ser dolorido. .

Sobre Estética, trago aqui o que Duarte Junior nos apresenta em sua escrita e o que é essa educação sensível:

Aqui se insistirá, pois, na necessidade atual e algo urgente de se dar maior atenção a uma educação do sensível, a uma educação do sentimento, que poder-se-ia muito bem denominar educação estética. Contudo, não nesse sentido um tanto desvirtuado que a expressão parece ter tomado no âmbito escolar, onde vem se resumindo ao repasse de informações teóricas acerca da arte, de artistas consagrados e de objetos estéticos. Trata-se, antes, de um projeto radical: o de um retorno à raiz grega da palavra “estética” — *aisthesis*, indicativa da primordial capacidade do ser humano de sentir a si próprio e ao mundo num todo integrado. Como anota Michel Maffesoli⁵, “segundo Hans R. Jaus, ‘a *aisthesis* restitui ao conhecimento intuitivo... os seus direitos, contra o privilégio tradicionalmente concedido ao conhecimento conceitual’. Deve-se entender estética, aqui, em seu sentido mais simples: vibrar em comum, sentir em uníssono, experimentar coletivamente.” (DUARTE, 2000, p. 15)

Acredito que essas colocações apresentadas se assemelham muito ao formato e configuração que as nossas experiências em campo se deram e foram tomando espaço dentro do que eu queria que as crianças vivenciassem para elas poderem tirar o melhor de cada momento, de maneira lúdica e dialogando com o que costuma ser pouco explorado.

Quando falamos de sensorialidade falamos também dos sentidos. Existem os 5 sentidos (principais, mas há vários outros) mais comuns que são o tato, olfato, paladar, visão e audição, que integram e interagem com o mundo ao redor, e com as vivências das propostas criadas durante as idas a campo. E que através dessas interações com as experiências sensoriais que foram surgindo mais ideias para as próximas vivências, não se limitando na vivência em si, mas em como percebemos as crianças dentro desses momentos, o que reverbera nelas e o que elas nos trouxeram.

Uma das críticas pertinentes que Duarte Júnior faz é em relação a contemporaneidade ao nosso redor e o que e como interagimos com ela, o que neste caso essa interação é responsável por uma certa “castração dos sentidos” ou a “deseducação do sensível” (DUARTE, 2000).

O que se pretende é tornar evidente o quanto o mundo hoje desestimula qualquer refinamento dos sentidos humanos e até promove a sua deseducação, regredindo-os a níveis toscos e grosseiros. Nossas casas não expressam mais afeto e aconchego, temerosa e apressadamente nossos passos cruzam os perigosos espaços de cidades poluídas, nossas conversas são estritamente profissionais e, na maioria das vezes, mediadas por equipamentos eletrônicos, nossa alimentação, feita às pressas e de modo automático, entope-nos de alimentos insossos, contaminados e

modificados industrialmente, nossas mãos já não manipulam elementos da natureza, espigões de concreto ocultam horizontes, os odores que comumente sentimos provêm de canos de descarga automotivos, chaminés de fábricas e depósitos de lixo, e, em meio a isso tudo, trabalhamos de maneira mecânica e desprazerosa até o estresse. (DUARTE, 2000, p. 20)

Capítulo 3- Fogo e Ar

Abrindo caminho para as ardências das ideias fluírem como folha ao vento.

Entre os dedos tremeu a semente.

Diminuta e brilhante.

Nunca imaginou que sairia de lá um dragão alado,

uma sereia de ondulantes cabelos,

um sonho eterno de esperanças. - Contos Africanos, Ernesto Rodrigues Abade.

Vivências e planejamentos desenvolvidos durante a pesquisa:

Em cada CMEI foram desenvolvidos os mesmos planejamentos com algumas alterações de acordo com as especificidades do espaço e das crianças, afinal é necessário compreender que cada ambiente é diferente e isso altera o comportamento das crianças e a relação delas para além das vivências. Separei os planejamentos por ordem cronológica, porém às vezes acontecia de adiantar um ou adiar, e até mesmo fazer algo completamente diferente nos dias em que não era possível seguir com as vivências por eventos das instituições ou imprevistos.

As vivências desenvolvidas têm uma **temática conectadas aos elementos da natureza** e todas as experiências contribuíram de forma significativa e transformadora na minha formação enquanto discente do curso de Dança e enquanto professora pela vida afora.

Primeiro dia:

História da Criação da cerejeira.

Me apresentar e apresentar quem está comigo:

No caso foram raras as vezes que estive sozinha, sempre fui acompanhada da presença da Fernanda Almeida ou da Jéssica Tavares, e quando não acontecia, algumas vivências eram complicadas de serem realizadas e o *feedback* de quem está acompanhando ajudou muito nas observações e perspectivas da pesquisa em si.

Trazer a contação de história para as crianças no primeiro momento:

As contações de histórias eram de forma mais fluida, então eu sempre tentava obter uma resposta delas “você sabem o que a Marte fez?”, “Quem sabe o que é um Druida?”, “Que cor era o cabelo da Marte mesmo?”. Acredito que isso fazia com que as crianças relembassem com atenção para poder responder as perguntas, algumas sentiam vontade de interagir mais e aí começavam a questionar outras coisas dentro da história, como “Ué, mas como ela atravessou pela parede?” e aí eu disse que a parede era mágica. Outros traziam reflexões do cotidiano fazendo analogias com o que viam e viviam na sua rotina.

Utilizar os elementos da história para relacionar com o corpo:

Os galhos vão virar braços, as raízes, os pés, o tronco da árvore, nosso tronco/coluna e até as folhas será o nosso cabelo.

Momento de ser árvore:

Focar no enraizamento, aterrando e desenterrando os pés, focar no peso-pesado do fator labaniano, utilizar o vento para dar movimento na árvore, instigar as crianças a pensarem possibilidades como “se as árvores andassem como vocês acham que elas andariam?”, “como a árvore chacoalha?”, “e o que acontece quando o vento assopra? O que as árvores fazem?” e aí nesse momento as crianças se soltam, giram, correm, balançam os braços. E aí no decorrer da proposta vou incrementando a vivência com materiais. Nesse dia usamos o canduete, e através dele o vento rápido e lento determinava alguns movimentos, se eram mais agitados ou mais leves.

Final da aula propor relaxamento.

Desenvolvemos o costume durante o projeto de extensão de sempre no final da aula fazer um momento de relaxamento, no início era para não deixar as crianças tão agitadas para a próxima aula que a professora iria reger, porque dificultava um pouco o trabalho dela. Começamos então a fazer com todas as turmas e depois adotei em todos os planejamentos porque é perceptível que a respiração consciente agrega na concentração e no assentamento de pensamentos acelerados e aquela agitação que fica no corpo após exercícios físicos.

Algumas vezes no início das vivências (com turmas específicas que geralmente haviam acabado de voltar do intervalo) nós também fazíamos um exercício de concentração ou relaxamento com essência misturada na água para a criança ir sentindo aquele cheiro e ir se concentrando no momento presente. Isso podia ser feito de diversas formas em relação ao olfato, como incensos, café, uvas-passas entre outras coisas que exalam aroma.

Dia do vento:

Exercício de relaxamento e concentração:

Relembrando o encontro anterior, “lembram na aula passada que o vento soprava e a árvore balançava? Como a árvore fazia?” A partir disso nós começamos

um leve aquecimento enquanto relembravam nos mostrando os movimentos da aula passada. A proposta dessa vez era soprar o próprio corpo como se fosse o vento. E assoprar os braços, as pernas e os pés, o braço e a mão do colega do lado, os pés, o cabelo etc...

A fada será convidada a entrar na vivência com o mínimo de som.

Nessa vivência a Fernanda Almeida entrou como fada da nossa história de Seres Dançantes e Onde Habitam e fez a “dança do vento”. Depois disso entregou um tecido para cada criança e deixamos elas experimentarem um tempo sozinha as possibilidades que esse tecido poderia gerar, alguns se transformam em fantasmas, outros em borboletas, outros em morcegos, super herói. A fada conduziu todos ao pátio em fila fazendo a variação da brincadeira de siga o mestre.

Experimentar peso leve e fluência (fatores labanianos):

Cada criança experimentou o peso leve com o lenço. E pedimos para que observassem como o vento balançava o tecido e como ele se movia.

Estabelecemos alguns combinados para explorar o ambiente externo: não sair da fila enquanto estávamos indo para o pátio, aguardar para beber água ou ir ao banheiro, tudo isso para tentarmos aproveitar o máximo de tempo possível e ser uma experiência legal para todos.

Voltamos para sala dançando com o tecido e depois deitamos para ouvir o som do vento (nesse caso poderia ser o canduite e o som do ventilador) e sentir a chuva com o borrifador de água. Esse borrifador tinha óleo essencial de alfazema que eu colocava com o propósito de acalmar os ânimos. No começo as crianças davam risada ou assustavam com as gotas, e depois relaxavam, abriam a boca, alguns fingiam que estavam na neve e começavam a fazer o movimento de desenhar anjinhos.

No final da vivência, uma roda de conversa.

Fizemos uma roda de conversa para perguntar o que acharam, do que mais gostaram, deixar que falassem um pouco e dávamos estímulos como “o que nós fizemos hoje?”, “o que mais?”.

No CEI Luigina não foi possível sair da sala com uma turma porque havia crianças no pátio, mas a vivência ocorreu bem dentro da sala porque era espaçosa, no CMEI Jardim das Aroeiras saímos conforme o planejado. Já no CMEI Village

Atalaia não consegui desenvolver isso porque estava sozinha em sala apenas eu e as crianças, então a saída seria difícil porque eram crianças mais agitadas e a experiência fora de sala com elas não tinha ocorrido bem.

Ressalto a importância de sempre haver alguém dando apoio e suporte nas pesquisas, a ausência da professora regente gerava conflitos, eu precisei escolher se seguia o planejamento da vivência ou apartava brigas, parava tudo para ir pegar alguma criança que estava subindo no parapeito da janela, ou subindo na mesa e nesse meio tempo de parar tudo para ir fazer outra coisa dispersava quem estava concentrado.

Foi frustrante esses momentos porque foi como se a pesquisa não tivesse sido desenvolvida com determinadas turmas, e eu me sentia imponente porque não queria ser impositiva e autoritária, gritar com elas ou algo nesse sentido, até porque eu não via necessidade, a necessidade de fato era o entendimento de que o momento da dança era tão importante quanto as atividades que a professora passava, era um momento que assim como nas outras aulas precisava de atenção e dedicação, essa também precisava.

No entanto, a própria professora não passava essa importância, então se a professora não se importa e olha como um momento para descontrair as crianças então porque as próprias dariam crédito? Logo no primeiro dia que conversei sobre o objetivo das vivências, quem eu sou, o que era a pesquisa ela já não demonstrou nenhum interesse, apenas um “Ah tá, ok, as crianças acordam em tal horário e lancham em tal horário aí você pode ficar com tal horário”.

Nesse mesmo CMEI em uma outra sala destaque que a presença da professora regente fazia uma diferença enorme, era notório como ela acreditava no trabalho que estava sendo desenvolvido, o interesse dela em me perguntar mais sobre o que eu fazia, o objetivo das vivências, em várias conversas nossas trocamos experiências e complementamos planejamentos.

As crianças sempre receberam muito bem a aula porque ela reforçava isso com elas de que “A Luana não veio aqui para ser desrespeitada! Se comportem! É o momento da aula de dança agora”, apesar de na época terem 4 anos compreendiam completamente o que estava acontecendo e as idades nunca foram um problema para mal comportamento e desrespeito.

Quando havia algum tipo de desentendimento e eu chamava a atenção me pediam desculpas, e aí a aula ocorria completamente bem. Foi uma turma que só me impressionou em termos de dedicação e de respeito. É claro que não por acaso, a obra que a professora regente fez com eles era evidente, e nunca deixou de faltar carinho, afeto entre professora e alunos, havia muito amor e não havia autoritarismo para ser um ambiente agradável e respeitoso.

Dia da árvore Baobá:

Essa vivência foi realizada apenas no CMEI Village atalaia porque foi criado para substituir o Dia do vento em que eu começava a contando a história de Seres Dançantes e Onde Habitam, mas o livro foi extraviado em um determinado CMEI ao qual trabalhei, foi engraçado pensar que quem menos teve cuidado com o livro foram os adultos, e não as crianças que os próprios adultos advertiram constantemente para terem cuidado, não rasgar, não molhar, não perder etc... E no final das contas quem não teve cuidado? Adultos.

- Relembrar a música que cantamos (iapo ya ya é, yapo yaya e, yapo ya ya yapo, kitu kitu yapo kitu kitu kie) na aula passada e contar brevemente a história do “Último Baobá” para substituir a história da cerejeira.

Na contação de história levei materiais também para que fosse mais atraente esse momento de escuta, então eu levava tecidos, pandeiro, borrifador de água, variava de acordo com a história, nessa história do baobá eu levei canduete para o som de vento apenas e tentei chamar a atenção com a minha voz, diminuindo e falando baixinho e em alguns momentos falando mais alto, gesticulando. Elas prestaram bastante atenção, mostrei foto de como era um baobá pelo computador, elas fizeram várias perguntas depois disso.

Assoprar as próprias partes do corpo e depois o corpo do amigo.

Aproveitando que já estavam sentados fui direcionando a vivência para o momento de ligar os elementos apresentados e conectá-los ao corpo. Então o vento da história que foi tocado pelo canduete, ia ventar na sala e quando ventasse era pra assoprar o corpo, cada parte do corpo, cada pedacinho. Depois assopramos o corpo do colega do lado começando pelos pés. Isso ajudava as crianças a se concentrar porque sempre ao final da história elas queriam levantar, começar a brincar, correr etc... E aí eu já emendava o final da contação de história com uma atividade.

Aprendi isso com os bebês de 1 ano a 2. As vivências precisavam ser dinâmicas com eles porque poderiam começar a achar coisas mais interessantes pela sala no momento em que eu pararia para colocar uma música, ou colocar um vídeo, ou ficar em silêncio tentando lembrar a ordem das atividades que eu havia planejado. A pausa gerava uma dispersão, e isso me fez ter mais dinamicidade com as crianças de várias idades.

Identificar as partes do corpo através da árvore (raízes-Pés, tronco- coluna, folhas-cabeça/cabelos, Galhos- braços).

Pedi para que fingissem ser árvores então cada parte do corpo ia virando árvore, então fui perguntando o que pode ser os nossos pés? Pode ser o tronco da árvore? Ou as raízes? Tive que mostrar o que era raízes, e tronco porque conheciam o conjunto “árvore” e não suas divisões. Depois de visualizarem a imagem da árvore começaram a fazer o paralelo sozinhos.

Nesse momento nós começávamos a “acordar” o corpo depois da história e fui chamando a atenção das crianças para fazer um paralelo com o baobá e nosso corpo, massageando as nossas raízes, sacudindo, depois andando de várias formas diferentes, mexendo o quadril que na vivência era o tronco da árvore, sacudindo as folhas, balançando os galhos e alongando, fingindo que um vento forte nos fazia movimentar.

Andar pela sala sacudindo as raízes, enterrando e desenterrando, movendo o tronco, os galhos e as folhas. Repetir tudo de novo com a música “pois não me amole, que eu tenho a junta do meu corpo todo mole, eu tenho a junta do meu corpo todo mole” no pandeiro.

Para o final da aula: sentir o cheiro da árvore com incenso e assoprar as suas folhas.

Isso foi algo que em todos os CMEIs as crianças gostaram e ficaram muito concentradas, não sei se pelo fato de gostarem de observar a fumaça ou pelo cheiro, ou pelas duas coisas. Desenvolvem bem e interagem de formas engraçadas, algumas ficam olhando fixamente, outras tentam assoprar a fumaça para outra direção, outras tentam abanar com os pés porque sempre falo que não podemos usar as mãos nessa atividade (fico com receio de queimarem as mãos no incenso, nunca aconteceu), outros tentam pegar a fumaça com a boca.

O último Baobá

África, a de rios caudalosos, das selvas verdes e do ar limpo, fugia em direção a um deserto carbonizado. O continente mágico e antigo chorava em silêncio. Quando uma manta amarela e seca cobriu a vida, um grito de animal ferido, aterrador, se ouviu no mundo. - O velho narrador.

Ninguém acreditava mais nas antigas lendas. Os narradores que se sentavam embaixo do baobá a desemaranhar longas histórias, protegidos pelas estrelas, já tinham partido quando a areia chegou.

As palavras estavam caladas.

Ninguém mais acreditava em um céu protetor. África era um enorme lençol amarelo. A areia, grão a grão, tinha construído um grande deserto. Interminável. Ninguém percebeu, ou ninguém quis se dar conta.

A desolação chegou em silêncio. Aconteceu quando os glaciais se esvaneceram em uma queixa interminável, quando os ursos e as baleias se converteram em recordação, quando as águias perderam o rumo.

O céu, cansado da torpeza da humanidade, se refugiou em outro céu, mais distante. Fugiu. Não podia mais proteger a terra.

O velho tinha visto as pessoas partirem, os mais jovens em direção ao norte, os mais fracos em direção à escuridão.

Sentiu uma nostalgia distante o invadir lentamente. O velho narrador, embaixo do último baobá, contou uma lenda antiga.

Nela, falava do nascimento das estrelas, da luz, do mundo..., mas não havia ninguém mais disposto a escutar um velho prosador. Olhou em torno, procurando algum ouvido. África, rio amarelo, estava rodeada de silêncio. Buscou uma estrela perdida, no céu só havia escuridão.

O velho apoiou as costas cansadas no tronco dolorido do baobá. Casca com casca. Pele rachada, alma dolorida.

A árvore da vida estremeceu. O vento dava rajadas contra a areia carbonizada. Tinha que partir. Sabia que tudo se acabava. O último baobá e a última voz da África iriam embora juntos. Abriu o punho. Trêmulo, contemplou a semente diminuta que havia guardado tanto tempo. A semente da esperança.

Olhou a árvore. Era o momento. Não se pode atrasar a retirada.

Separou a areia até chegar à terra. Virou a mão e, pela linha da vida, girou a semente até encontrar um sulco.

O baobá havia aberto a casca e do oculto coração brotou a água milagrosa. A árvore era a vida. O velho voltou a fazer crescer baobás grandiosos como gigantes que beijavam as nuvens. Agora, sobre os escritórios, nos telhados, sobre as avenidas e os trens; nos beirais, sobre comércios, bancos e ministérios crescem trepadeiras coloridas. Embaixo delas, está escondida a destruição como uma lembrança dolorosa. - Do livro "Contos Africanos", de Ernesto Rodrigues Abade, Editora Callis. Tradução de: "Cuentos africanos para dormir el miedo", Tradução: Raquel Parrine. Revista Pazes 2019.

Dia do sopro

Relembrar a vivência anterior

Sentados com as pernas estendidas para sentir o cheiro da essência e soprar as folhas do vaso de planta.

Nesse dia levamos um vaso de planta com flores vermelhas como uma materialização do encontro anterior em que fomos árvores. Gostaram muito porque era uma planta diferente e a cor era bem viva, colocamos um incenso fincado no vaso e explicamos como ia ser a vivência, e que não podia encostar na planta e no incenso, e tudo ocorreu muito bem.

Nós sentamos em círculo e o vaso ficou no meio, encostamos os quadris uns nos outros e estendemos as pernas para frente e pedimos para que sentissem o cheiro do incenso (ar), e assoprasse bem forte até balançar as folhas, só que sem sair do lugar. Foi uma forma que encontramos para deixar dinâmico o momento que chegamos na sala e as crianças estão ansiosas e agitadas, cheias de expectativa para o dia.

As variações podem ser inúmeras, esse vaso de planta pode ser substituído por outra coisa, o incenso pode ser substituído por essência ou óleo essencial, levamos uma planta de verdade, mas pode ser artificial também, pode ser flores e não te incenso.

Assoprar o corpo depois de massagear, começando pelos pés.

Aproveitamos o momento mais calmo que fica após esse exercício de respiração para começar a vivência de uma forma mais sutil, silenciosa, e sentados assoprando o próprio corpo e sentindo o ar na nossa pele. “É quente ou gelado esse ar?”, “O que vocês estão sentindo?”, “Qual outra parte do corpo podemos assoprar?” “A barriga? Ah legal, então vamos assoprar a barriga”.

Depois disso massageamos os pés, cada dedo, a perna, os joelhos e a panturrilha, sacudimos as pernas e os pés, e depois fizemos uma corrente para cada um massagear o pé do amigo do lado. Algumas crianças nesses momentos logo gritavam “tem chuléééé” e era só risada. Alguns tinham cócegas, então massageávamos a panturrilha, puxava os dedos. Assopramos o corpo do colega do lado também, os pés, os braços, cabeça, ombros etc...

Dança do assopra: Ex.: O colega nº1 vai assoprar o braço do colega nº2 fazendo com que o braço deste colega se mova, como se o sopro fosse um sopro muito forte a ponto de fazer esse braço mexer. Após isso, vão se deslocar do local onde estão (como se o sopro fosse muito mais forte que o sopro anterior a ponto deles se deslocarem).

No outro momento pedimos para que ficassem em pé e explicamos como era a proposta. Cada lugar do corpo que fosse soprado teria que se mexer, e depois trocava, quem estava soprando agora iria ser assoprado. Se divertiram muito e depois que internalizaram a proposta no corpo começou a inventar movimentos maiores, mais rápidos, gritar, fingir que era um furacão, algumas crianças mais tímidas ficaram nos movimentos mais sutis fazendo ondulações, abaixando e levantando.

A Jéssica no CMEI Jardim das Aroeiras fez movimentos mais ousados e as crianças amaram (ela dança *Break*), seus movimentos foram um estímulo para as crianças se soltarem ainda mais). Elas se sentem motivadas quando alguém faz junto com elas, isso tanto para quem está dando aula como as professoras regentes ou nós do projeto de extensão. Elas querem mostrar que também dão conta de fazer, ou querem tentar fazer por curiosidade, experimentação, “Tia eu também sei fazer”, “É assim, é assim?!”

Usar os sons como comandos (conduite, papel de trovão etc...) para o movimento, trabalhando o peso-leve e firme, tempo rápido e lento.

A atividade ocorreria individualmente. Para chamar a atenção de todos usamos o barulho do papel de raio-x para fazer o som do trovão. Quando escutam esse barulho ficam curiosos, querem usar o papel para fazer o som também, e tentamos mediar a situação para que possam interagir em alguns momentos com os materiais que levamos, não é um momento muito fácil porque nem sempre tem uma quantidade maior para todos e aí isso consumiu o tempo que era em média de 40 a 50 min no máximo tentando deixar que cada um fizesse a experimentação.

Com esse estímulo sonoro novo junto ao canduite que é o nosso barulho do vento, nós fizemos uma ventania/tempestade na sala, com som de vento, trovão e com direito a chuva do borrifador. Dessa forma conduzimos a vivência para que dançassem de acordo com os estímulos. Perguntamos o que poderia ser feito quando o barulho no barulho do trovão, qual movimento poderíamos fazer, e muitos pularam, outros se jogaram no chão, e deixamos que fosse livre esse momento.

Com o som do vento perguntamos como eles dançariam com o som do vento e nos mostraram movimentos parecidos como que fizeram em dupla e isso foi muito gostoso de ver, porque estavam muito animados e mexiam todo o corpo, faziam ondulações, rodopiavam.

Enquanto iam improvisando, nós íamos dando os estímulos “escuta como o barulho do canduite ficou baixo/forte/rápido”, alguns imediatamente mudavam a velocidade, outros paravam tudo para apenas ouvir, alguns continuavam o que estavam fazendo. Outros estímulos eram “que tal agora, todo mundo ir baixando enquanto o vento sopra bem fraco?!” E aí todos fazíamos juntos até deitar no chão.

Alguns dias, testamos deitar de costas para sentir a água do borrifador, para não pegar no rosto e elas sentirem em outras partes do corpo também. Colocamos o barulho de chuva no som da sala e fomos dando mais estímulos “que som é esse? Sim, da chuva, o que mais tem nesse som? Isso, tem trovão também, vamos fechar os olhos agora e fingir que estamos deitados na chuva?”

Alguns momentos foram muito gratificantes de serem vivenciados, porque as crianças se entregavam às propostas, viviam elas com intensidade, exclusivamente em prol da experimentação.

Relatórios dos CMEIs e CEI.

Separei alguns relatórios que achei pertinente para acompanhar o processo e desenvoltura do trabalho.

Os relatórios que foram feitos e que são revisitados por mim nos dias atuais têm uma relevância dentro dos planejamentos. Dessa forma é possível observar o que acontecia naqueles dias com mais precisão, e poder entender melhor o porquê de cada planejamento.

Relendo percebi que eu mudaria hoje em dia, de acordo com outras experiências vividas e novos aprendizados, muitas abordagens e me vem várias outras ideias de vivências para uma mesma abordagem como é o caso da história da cerejeira, poderia ser a história do Ypê amarelo, ou do Flamboyant, aproximar mais as crianças das realidades que está mais próxima a elas.

Relatório CMEI Jardim das Aroeiras:

As crianças continuam tendo dificuldade de se concentrarem nas atividades e não dispersarem, acredito que preciso adotar estratégias novas de concentração para elas. Preferem as atividades mais agitadas mesmo quando a proposta é mais sutil e calma, fico me perguntando se deixo atividades mais agitadas ou tento diminuir essa agitação deles. No próximo dia vou fazer o teste de com essa turma levar uma vivência mais cansativa, talvez eles precisem gastar a energia acumulada, e no final da vivência farei um momento de exercício sensorial com cheiro ou sabor.

Relatório- CMEI Village Atalaia

Turma C1:

A aula iniciou com o vídeo do maior cajueiro do mundo que fica em Pirangi do Norte- RN. Passei por ele em Natal na viagem e lembrei que na última aula levei o Baobá para as crianças conhecerem e fizemos a dança da árvore, enraizamento, galhos. Então, anexe o cajueiro no planejamento a fim de trabalhar torções no corpo. Mostrei também um vídeo de árvores balançando com o vento e fiz perguntas para que eles pudessem me responder: “Essas árvores são retas ou onduladas?” “Está ventando forte ou fraco?”

As respostas foram muito variadas e percebo que cada um respondeu não o que estava vendo, mas a maneira que gosta de estar presente na dança, quem respondeu que o vento estava forte teve dificuldade em dançar lentamente no

balanço do vento leve e vice-versa. Ou seja, basicamente as crianças moldam suas respostas de acordo com que elas querem viver ali naquele momento.

Depois relembramos o que foi feito na aula anterior, que foi assoprar o próprio corpo e enraizar os pés, fazer barulho com os pés, andar como se fosse uma árvore. Fizemos duplas para que assoprassem o corpo do colega, alguns fizeram e outros não quiseram interagir. Depois disso, cada parte do corpo assoprada era a parte que mexeria. E não deu muito certo, houve uma falha na comunicação e algumas crianças começaram a se dispersar e peguei o pandeiro para chamar a atenção dele de volta. Fizemos uma alternância na velocidade que iramos dançar.

O pandeiro era o sinal de que o vento estava rápido e o **canduite** o sinal de que o vento estava devagar, e foi nessa atividade que a maioria teve dificuldade de fazer os movimentos mais lentos, quando o pandeiro tocava eles só queriam ficar pulando e esqueceram de mexer o resto do corpo, dei estímulos no decorrer da atividade falando “mexe a cabeça agora, os pés, os braços, a barriga” e aí repeti uma última vez falando para eles ficarem em posição de semente e só subir do chão quando a música começasse, e teriam que dançar igual a árvore quando o vento passa.

No final borrifei água com alfazema neles, gostaram bastante, mas não conseguiram ficar deitados, quiseram levantar, gritar, sentar. Pedi para que eles sentassem e borrifei água nas mãos de cada um para esfregarem as mãos e sentir o cheiro da água. Gostaram também e me despedi.

Relatório C2:

Conversando com a professora percebo que a diferença entre as duas turmas não é só a idade (que pode contar muito, porém não acredito que nesse caso seja a mesma coisa). As crianças da c2 tem um nível de concentração maior, no final da atividade quando pedia para eles deitarem alguém logo disse “É relaxamento agora?” e eu respondi que sim e perguntei se já fizeram e responderam que sim, a professora disse que sempre que eles começam a dispersar a atenção ela faz o relaxamento com eles e o trabalho de respiração.

E essa é a diferença, mesmo que eu leve inúmeros exercícios de respiração e concentração para as crianças da C1 não serei eu capaz de transformar de uma

semana para a outra o comportamento delas, pelo fato de estarem comigo por muito pouco tempo em comparação ao tempo da professora regente. Porém acredito que um tempo maior da minha aula pode ser direcionado à concentração delas no início, voltar a atenção para o próprio corpo.

Conversamos um pouco sobre o cajueiro, quem já tinha visto, quem já comeu caju e o que lembravam da aula passada. Responderam bastante coisas com os gestos, o que significa que a memória corporal deles está começando a ser estabelecida. Fizemos as atividades todas com fluidez e vi neles um repertório maior de movimentos criativos, fizeram mais torções, trocaram mais de níveis.

A mesma dificuldade da outra turma de fazer os movimentos mais lentos foi encontrado na turma anterior, mas na segunda vez que repeti eles fizeram com mais calma, mas reclamaram que preferiam rápido. Pedi para a professora regente mexer o canduete para eu dançar com eles o movimento mais lento e eles observarem a diversidade de movimentos que também dá pra fazer num tempo lento. No final da aula borrifei a água neles e ficaram deitados recebendo a chuva.

Dia da gota

Relembrar a vivência anterior soprando o corpo do colega e dançando a dança do vento.

Comecei depois de um tempo a dar nome para nossos encontros e com o intuito de fazer as crianças identificarem melhor sobre o que eu estava falando quando pedia para que lembrassem de algo como “a dança do vento”, ou o dia da fada, o dia do pandeiro e assim seguimos.

Experimentar fazer o som da chuva e gota.

Nessa experimentação surgiram em todas as turmas várias novidades quando perguntamos “como podemos imitar o som da chuva e da gota?”, muitas crianças fizeram o som com a boca, e outra aqui ou ali fazia um movimento diferente que eu não estava esperando como bater o pé no chão como se a gota estivesse pingando, estalar os dedos, bater palma, bater os pés no chão sentados bem rápido fazendo o som da chuva, esta última deu um efeito muito bom porque eram em média 15 crianças em cada turma então realmente ficou parecendo um som de chuva forte.

Passar o vídeo “Cantando na chuva”

Essa vivência em específico foi desenvolvida pela Jessica Tavares que levou esse vídeo de “Singin in the rain” de Gene Kelly dançando sapateado. As crianças gostaram muito e quando Gene começou a sapatear logo várias crianças começaram a se levantar para dançar também, imitaram, deram os pulinhos de Gene e assim surgiu o movimento de poça, que poderia chutar a água ou deitar nela.

Nas aulas anteriores as crianças também tinham feito o movimento de gota, movimento este formatado pelas próprias crianças quando perguntamos “como podemos imitar a gota? Ela é bem pequena né?” e aí fomos fazendo várias perguntas e elas foram nos apresentando várias respostas e uma que ficou marcante e que adotamos como o movimento da gota foi o formato de casulo no chão, parecido com a posição da criança no yoga. Então me apropriei dessa criação para desenvolver uma célula coreográfica, que iria de gota para poça (está com o corpo deitado no chão) fazendo uma transição circular de uma para a outra.

Brincadeira do vivo morto (gota poça), contando o ciclo da água.

Nessa brincadeira se deu o início da célula coreográfica em que fizemos variações dos movimentos, mas que sua base permanecia em gota e poça. Por exemplo: contei o ciclo que a água faz para se tornar chuva, ou seja, se tornar gota.

Então a água evapora, e nessa evaporação criamos um movimento. Expliquei o que era evaporar, como acontecia e a partir do que entenderam foram mostrando movimentos e o que adotamos como o movimento de evaporar foi o que uma menina fez com as mãos e braços subindo do chão com movimentos ondulatórios.

No processo de se tornar nuvem também pedi para que me mostrassem como poderia ser o movimento das nuvens, e dei a dica de que as nuvens são altas e leves, e dessa forma nos mostraram vários movimentos na meia ponta, andaram em câmera lenta, prenderam a respiração e andavam como se estivesse carregando algo.

Já no processo de ser chuva elas fizeram inúmeras variações de chuva, pularam, sacudiram os pés fazendo barulho, mostraram um movimento com as mãos fazendo chuuaa. Entre várias coisas que minha memória não consegue lembrar ou que não vi acontecendo. Em ser gota as crianças fizeram nosso

movimento de casulo e depois de poça. Desse modo ficou na história a poça que evapora, vira nuvem, depois chuva e gota até retornar para a poça.

Colocar a música do vídeo e deixar que eles dançam livremente.

Nos momentos finais da aula coloquei a música e deixei que dançassem livremente. Mas antes falei que podiam fazer tudo o que aprenderam também ou dançar com outros movimentos, inventar.

Finalizar deitados no chão de olhos fechados ouvindo e imaginando o cheiro da chuva.

Esses momentos de relaxamento nem sempre acontecia como o esperado e planejado, variava muito de acordo com o dia que as crianças viveram, a agitação delas, então nesse sentido com as turmas do CMEI Jardim das Aroeiras (as crianças aqui tinham entre 4 e 5 anos) neste dia receberam bem a experiência, pode ser porque além do som da chuva para se concentrarem também borrifei água nelas, e pedir para imaginar que cheiro a chuva tinha pode ser sido algo a mais parasse concentrarem na proposta e acalmar os ânimos, imaginar a chuva caindo.

No CEI Luigina com as crianças de 3 anos foi exigir demais desses aventureiros, é uma idade que já estão mais autônomos, não são mais bebês e parece que não queriam perder tempos deitados ouvindo o som da chuva, eles queriam mesmo era correr da chuva, usar o borrifador também, fazer chover no colega, enfim, uma loucura muito boa.

Todas as tentativas de trazê-los para esses momentos mais relaxados era desafiador, mas com o tempo eles me venceram pelo cansaço e comecei a deixar eles viverem a chuva do jeito que queriam, e fui conseguindo acessá-los chamando para ouvir o som da chuva, e perguntando “que som é esse?!”.

Comecei a levar vários outros sons também como o de vento, mar, cachoeiras, pássaros e deu certo. A ideia de ouvir os sons trazia no final da aula momentos mais calmos. Cheirar e assoprar também, a professora regente me ensinou a falar para as crianças cheirar o dedo e assoprar a vela, eu mudei para sentir o cheiro da chuva e assoprar as nuvens, ou fazer o som do vento que foram coisas que interagiram durante nossos encontros.

Essas ideias fluíram muito bem, só não deitados, se pedisse para deitar já virava outra coisa, começavam a rolar, mexer no cabelo de alguém, fingir que estava

dormindo, dar cambalhotas, tudo menos se concentrar na proposta. Foram momentos de grandes aprendizados.

Dia da chuva

Relembrar a última aula:

Fazendo os movimentos que conseguirem lembrar e os sons da gota e da chuva.

O mapa que as gotas fazem no meu corpo:

Vamos misturar um pouco de tinta guache e água com essência para ficar uma cor azul bem rala representando as gotas de água. Com os dedos vamos traçar linhas no nosso corpo que será entre o dedão do pé, joelho, perna, quadril (linha horizontal) e uma linha próxima aos ombros, traçar uma linha no pescoço da colega. Depois de eles mesmos traçarem o mapa que a gota faz no corpo, nós iremos “imitar” a chuva e como as gotas caem, e nesse cair seguiremos a linha que traçamos ou foi traçada sozinha pela água com o rastro que a tinta deixou no corpo. Mostrar vídeo de gotas caindo. Usar um balde ou uma bacia.

Essa ideia de “o mapa que a gota faz no meu corpo” desenvolvi em uma aula na disciplina de Educação Somática com a prof.^a Valéria Figueiredo. Ela fez uma atividade em que colocamos fitas adesivas no corpo e observamos nosso alinhamento corporal. O nome dessa atividade se chamava o mapa do meu corpo, e no meio da aula eu já estava com a ideia pronta com um nome para a vivência.

Levei um vídeo que mostrava uma chuva forte caindo nas árvores, tinha uma paisagem bem bonita, arborizada, um rio, gotas caindo das folhas bem devagar, muito vento também. Usar as mãos, pés, para trabalhar o som que nós ouvimos quando as gotas de chuva caem, depois produzi-los com a boca, e com os pés (chuva lenta e rápida).

No final relembramos os sons de chuva e de gota que ouvimos nos nossos encontros e repetimos, alteramos o tempo fazendo variações entre lento e rápido, forte e leve, alto e baixo, bem baixo, depois bem alto, essas alterações era a deixa mais quando o mento mais lento e baixo chegar nós irmos acalmando, respirando mais e fechar os olhos para o relaxamento.

No caso das crianças de 3 anos isso precisava ser feito de forma mais dinâmica e rápida, se prolongasse muito o tempo com os olhos fechados ou demorasse de mais para mostrar outra coisa, mudar a proposta elas procuravam outra coisa para fazer ou deixava de ser algo interessante.

Ouvir sentados o som da chuva e imaginar o cheiro dela.

Mapa da chuva

Começar lembrando o dia que dançaram com o tecido, o dia da árvore, lembrar o dia da gota e da poça também.

Vídeo do mapa da chuva: Experimentar no corpo, imitando o que as gotas fazem no vídeo.

O vídeo era uma chuva leve caindo no vidro, formando gotas e formando caminhos, “mapa”, e coloquei no projetor para que a experiência fosse mais interessante e com a imagem ampliada.

E foi uma das experiências mais marcantes que fizemos, porque através do projetor as crianças assistiram a essa chuva e depois foram interagir com ela, observaram a sombra que fazia na parede, tentavam pegar a chuva com as mãos, com a boca, com os pés, e uma coisa que ficou muita bonita de ver foram as gotas serem projetadas na pele e roupa, as crianças observaram cada detalhe disso tudo e nós que estávamos assistindo tivemos várias ideias para a próxima vivência e ainda contemplamos um momento de apreciação estética.

Experimentar uma parte da coreografia do ciclo da água com os movimentos que as crianças lembrarem, divididos em dois grupos; (Precisar da ajuda da professora)

Nesse dia a vivência foi dividida em dois grupos para que um assistisse o outro e para que nós pudéssemos observá-los melhor como estavam fazendo os movimentos, a qualidade que tinham desenvolvido. Gravamos vídeos pequenos também para colocar no projetor e eles se verem dançando. Ficaram bastante animados com os vídeos quando perceberam que eram eles.

Reproduzir outros sons de água e perguntar se eles conseguem identificar: cachoeira, mar, córrego, chuva, gota.

Tiveram que se concentrar auditivamente para identificar esses sons e fomos dialogando: “E agora esse som é de que?”, “Quem já ouviu esse som?”, “Será que é som de chuva?”. Ninguém acertou o som do mar, disseram ser chuva, e aí aproveitei para levar na próxima aula os vídeos desses sons. Eu já tinha vídeos gravados em rios e mares, então foram vídeos amadores.

Deitados no chão, de olhos fechados ouvir o som da chuva (utilizar o som do chocalho ao mesmo tempo que faremos o som da gota com a boca).

Enquanto estavam deitados, utilizei os materiais sonoros para fazer o paralelo com o que tínhamos acabado de ouvir, e perguntei o que esses sons lembravam, com o que pareciam. A turma de 3 anos não ficou deitada, mas com muito custo alguns fechavam os olhos e depois abriam para espiar, fechava de novo. Com essa turma de 3 anos acredito que essas vivências “relaxantes” se tornam mais um momento de conhecer e experienciar coisas novas através dos sentidos e menos sobre relaxar.

O que também considere válido, e hoje penso que elas talvez não gostavam de deitar porque lembrava a hora de dormir e elas não iriam querer dormir no auge da brincadeira. E pensando nisso relembro momentos que brincamos de vivo ou morto e que a posição no morto era deitar, e elas deitavam, mas nisso de deitar e fechar os olhos para sentir a chuva algumas faziam e a maioria não.

Processo de criação- CMEI Jardim das Aroeiras.

Esse processo de criação não foi intencional da nossa parte, mas surgiu como proposta da professora regente que pediu ajuda para criar uma coreografia que seria apresentada na festa junina do CMEI com a música “Chuva”, do Falamansa. Aceitamos a proposta e começamos montar uma coreografia com base no que as crianças já haviam feito, que eram criações autônomas que fomos colhendo durante os encontros.

Relembrar as aulas anteriores reproduzindo os sons já trabalhados: vento (conduíte), chuva (pau de chuva), trovão (raio X) e acrescentar o som do mar (som).

Começamos a vivência bem musicalizada, fizemos todos esses sons com a boca, com as mãos, pés, etc... e com os materiais sonoros também.

Relembrar a coreografia feita na última aula com os estímulos do vento, gota, poça.

A partir disso fomos dando entrada no processo de criação, e conseguimos nossa primeira parte da coreografia. E aí focamos em repetir algumas vezes, sem música, só os movimentos.

Sequência com som e movimento (Como a gente pode fazer os movimentos da chuva, trovão, mar, no nosso corpo?)

Fui fazendo os sons e pedindo para que fizessem os movimentos. E aí para cada som foram inventados vários movimentos. E sempre da mesma forma já citada, que é dando os direcionamentos e estímulos, fazendo perguntas para irem pensando nas propostas e imaginando movimentos, ou relembrando, criando.

Passar o vídeo (Moana quando era bebê, Avó dançando, movimento da cintura que há no vídeo).

Enquanto assistiam fui falando para prestarem atenção nas danças, como a avó fazia com os braços, o que ela fazia com as mãos, como os homens da tribo dançaram, quais partes do corpo mexeram, e no vídeo da Moana quando era bebê direcionei a atenção deles para como o mar se movimentou, quais movimentos o mar fez quando foi interagir com ela. O vídeo foi repetido em média 3x, porque gostavam muito de Moana e para observarem os movimentos melhor.

Experimentar as movimentações do vídeo junto com as crianças.

Os vídeos foram projetados na parede e nós tivemos um momento para imitar as movimentações que apareciam. Cada um fez da forma como foi entendendo, da forma que o corpo conseguiu receber.

Parar o vídeo e montar uma sequência a partir das movimentações que as crianças captarem a partir do que viram no vídeo.

Depois do vídeo perguntei quais movimentos aprenderam e cada um foi mostrando o que havia absorvido, e a partir dos movimentos apresentados fui montando com a ajuda da prof.^a Fernanda Almeida e Jéssica Tavares na coreografia.

No final da aula fizemos a coreografia em sequência, e coloquei a música “Saber quem sou” do filme Moana e as crianças não só dançaram como cantaram a

música inteira. Particularmente como toda professora babona eu amei, quase chorei, até hoje quando eu lembro da intensidade que vivemos esses momentos os olhos lacrimejam. Não acho que seja só o fato de ser babona, acredito ser mais por como as crianças se entregam nas propostas quando têm a oportunidade de serem elas mesmas e isso me leva para um estado mais sensível.

Processo de criação- CMEI Jardim das Aroeiras

Relembrar a coreografia com estímulos do vento, gota e poça e os movimentos do vídeo da Moana.

É engraçado como o que é absorvido pelas crianças no corpo vai tomando outros formatos e outras qualidades. Nesse dia quando fomos relembrar elas estavam muito empolgadas, estavam gostando do nosso processo também, então acho que esse gás as fizeram se entregar mais ainda nas vivências então foi tudo muito bom, todas estavam interessadas em participar.

Fizemos também uma costura de todos os movimentos realizados nos dias anteriores para relembrar e depois não fizemos juntos, deixei que fizessem sozinhos.

Mostrar o vídeo das ondas do mar no projetor.

Essa ideia de levar o projetor nas aulas acabou se tornando um evento, as crianças gostavam muito e essas específicas eram muito curiosas, faziam perguntas que às vezes eu não sabia responder como “tia, mas como que você faz isso?” e aí eu tentei explicar como funcionava o projetor e como o vídeo iria de um aparelho para a parede. Algo que nós adultos perdemos ao longo do tempo é essa curiosidade e desinteresse principalmente quando estamos habituados a ver a mesma coisa todos os dias.

Ver o mar projetado gerou momentos engraçados, as crianças conversavam umas com as outras do tipo "nossa, olha o tamanho desse rio! Tem muita água!". É muito triste eu não ter conseguido anotar todas as falas que já ouvi porque acredito que essas falas são comprovações e aprovações de determinados momentos

vividos, e que são também as opiniões das crianças. Algumas deixavam bem claro quando não estavam gostando da vivência, faziam caretas, e falavam com palavras também.

Não foi algo que me atingiu de forma ruim, não fiquei chateada quando isso acontecia, até porque é um retorno interessante e sincero, diferente dos adultos quando estão em uma aula de dança que não estão gostando, sentem desconfortos e ainda assim permanecem calados e fingem que está tudo bem.

E se nós inventarmos agora nossa própria dança? Mas eu quero ver quem vai conseguir inventar uma dança que imita as ondas do mar com o quadril! Quem será que vai conseguir? Como nós podemos imitar as ondas do mar só com o quadril? Vamos agora fingir que somos o mar (mostrar o vídeo do mar) Como nós podemos fazer de conta que somos as ondas do mar?

As crianças já estavam bem desinibidas, diferente de quando começamos as intervenções no CMEI, elas estavam mais “soltas”, então era mais recorrente deixar que elas inventassem movimentos sozinhas, sem eu ficar dando dicas, ou fazendo junto com elas, ou mostrando algo para elas começarem a pensar a partir do movimento que fiz e fazer algo diferente. O que continuei fazendo era tentar sempre melhorar nossa comunicação de forma que elas conseguissem captar o que eu queria dizer ou o que eu queria que elas atingissem.

Por exemplo, eu poderia falar “Vamos fazer a onda do mar com o quadril?”, mas dizer apenas isso não atingia o ápice do que poderia ser “Vamos imitar as ondas do mar mexendo o quadril? Quero ver quem vai conseguir? Quem consegue fazer os movimentos de onda com o quadril? Como que é o movimento que as ondas fazem, me mostra, deixa eu ver”. Isso instiga a refletir e trazer para o corpo materializando o movimento que estava no campo visual ou imaginário.

Um fato engraçado que faz parte da realidade de muitas crianças e que reverberou nas nossas vivências quando o assunto foi quadris, era o fato de que quando eu perguntava como era o movimento das ondas elas faziam o movimento com as mãos ondulando e quando eu perguntei como poderia ser esse movimento nos quadris algumas crianças faziam o movimento que elas costumam ver nas danças de funk com as mãos nos joelhos.

Estava errado? Não! Realmente é um movimento que costumamos ver nessa manifestação cultural e que são ondulatórios como as ondas.

A partir dos movimentos feitos, vamos compor uma outra sequência para terminar a coreografia para a festa junina.

Gravar um vídeo deles dançando todas as sequências para a professora ensaiar durante a semana junto com as crianças.

A professora regente também estava muito animada com o processo, ela mesma gravou os vídeos e também ensaio durante a semana com as crianças. Antes de darmos início ao processo ela já retomava algumas vivências que fazíamos e isso ajudou muito no reforço da memória e no desenvolvimento também.

No final, ouvir o som do mar e imaginar que está dentro do mar nadando, brincando, mergulhando, vendo os peixes nadar.

Relatório

Iniciei a aula (Luana) perguntando para eles o que tínhamos feito na anterior, alguns lembraram os movimentos da gota poça daí expliquei que não era dessa aula e foi no dia que mostrei o vídeo da Moana. Alguns lembraram os movimentos e outros aparentemente não se recordam.

Com a turma E1 eles tiveram mais dificuldade para relembrar os movimentos da aula passada e se concentrarem na aula de fato, dispersaram várias vezes, porém mais ao final da aula montei a sequência da onda usando os movimentos do quadril que eles me mostraram, inclusive fizeram movimentos diferentes com o quadril todas as vezes que pedi para me mostrar outro movimento que imitava a onda. Deu tudo certo nessa turma, porém me pareceu que tive mais dificuldade de fazê-los se concentrarem nas explicações.

Na turma E2 eles lembraram todos os movimentos que fizemos na aula anterior e até alguns que eu mesma não lembrava. Quando pedi para que eles me mostrassem movimentos com o quadril que imitasse as ondas, uma das crianças começou a rolar no chão (achei muito criativo porque eu não tinha pensado nenhum movimento no chão) outra criança por falta de espaço rolou sentada de uma forma diferente, outra me mostrou movimento de ondular o corpo fazendo o quadril ir para frente e para trás, na turma D2 fizeram círculos com o quadril e uma menina disse

que um movimento do funk também era movimento com o quadril, e eu disse que sim, porque é de fato, entendi a maneira como ela associou as ondas com o corpo e a proposta da aula era essa.

Percebi que hoje eles estavam menos agitados e mais atentos, no final da aula fiz exercício de respiração com eles, e notei que eles já estão mais acostumados com “a hora de parar a aula para respirar e relaxar o corpo”, continuam curiosos e acho isso fantástico, penso em levar mais vezes materiais para chamar a atenção deles, que eles queiram realmente estar presentes, e é possível notar esse desejo de estar presente em alguns dias, e geralmente é quando levamos materiais e coisas que acessem os sentidos.

Dançando na água

Relembrar a aula passada (Vídeo da Moana e coreografia nossa)

Já estavam conseguindo fazer a maior parte da coreografia sozinhos e o que fiz foi passar com a música “Oh chuva” do Falamansa e marcar em qual parte da música seria determinado movimentos e as transições. A Prof.^a M.^a Fernanda Almeida deu várias dicas de como fazer isso de acordo com a sua experiência. Repetimos algumas vezes a sequência para reforçar e quando terminamos disse que eu tinha algo muito legal para mostrar, e aí todos sentaram para ver o vídeo. Estavam bem cansados e começando a achar as repetições chatas também, então aproveitei para passar o vídeo de AMA.

Assistir o vídeo AMA (mulher dançando no fundo da piscina)

Foi outra experiência muito atraente e significativa, as crianças quando perceberam que a bailarina estava dançando embaixo da água ficaram maravilhadas, fizeram várias perguntas. Algo que me chamou a atenção foi que em todas as turmas as crianças ficaram concentradas assistindo, acredito que pode ter haver com elas serem mais expostas a estímulos visuais então o momento de assistir seja mais perceptível para elas do que o momento de ouvir ou sentir já que não é tão recorrente. As crianças de 3 anos também gostaram muito e faziam movimentos com as mãos quando a bailarina girava dentro da água. Repeti o vídeo porque me pediram e queriam ver de novo.

Pedir para que as crianças me mostrem quais movimentos mais gostaram no vídeo.

Não esperava que a vivência fosse tão maravilhosa como foi. Quando pedi para que me mostrassem o que mais gostaram eu vi vários movimentos incríveis, algumas meninas fizeram vários movimentos curvando as costas para trás, quase em ponte, fizeram ponta de pé, giraram e se moveram com muita leveza, alguns meninos fizeram movimentos no chão para fingir que estavam flutuando e deixei que assistissem de novo e tentassem imitar o que estavam vendo.

Desses movimentos que aparecer vamos criar uma coreografia e repetir algumas vezes.

Fizemos uma célula coreográfica com música, bem leve, suave e flutuante. Foi muito gostoso viver esse momento e utilizei a mesma lógica que nas outras criações que foi observar os movimentos que faziam e pegar um para ser nosso movimento coletivo e ir “costurando” a coreografia.

Depois relembrar todas as células coreográficas que fizemos.

No final entregar balinhas ou algum presente pelo esforço e dedicação das crianças.

Esse foi um dos últimos dias de vivência no CMEI Jardim das Aroeiras e foi o único que recebeu esse agrado, os outros acabaram me esquecendo de levar uma surpresa ou algo nesse sentido, para mim é simbólico no sentido de agradecê-los de uma forma que elas ficaram felizes em receber porque eu fiquei muito feliz com as nossas trocas.

Relembrar vivências anteriores

Exercício sensorial com essência

Utilizei dois tipos de essência, de cereja e alfazema. A de cerejeira as crianças disseram que tinha cheiro de remédio, e a de alfazema de sabonete. Falei para esfregarem as mãos e sentir o cheiro, enquanto iam fazendo as suas associações pessoais.

Massagem nas partes do corpo

Aproveitamos a oportunidade para massagear o corpo, apertar, sacudir, abrir os dedos e estendermos cada um, um massageou os ombros do outro, os pés, os braços.

Relembrar as células coreográficas.

Esse foi nosso último ensaio e fiquei muito feliz em vê-los dedicados e atentos, super animados e o mais interessante foi que era um compilado de coreografias criadas por elas mesmo, talvez tenha sido esse o gás principal. E minha experiência com coreografias e crianças foi dentro do ballet, e antes desta pesquisa os processos criativos dentro do ballet eram muito frustrantes para mim, porém posteriormente passei a utilizar os mesmos métodos e foi mais fluido, mais lúdico, e de uma forma que as crianças se sentiam mais confortáveis porque não foi uma coreografia separada das aulas, foi uma coreografia com movimentos que fomos fazendo durante as aulas, criando juntos.

Usaremos as bacias para colocar arroz e eles vão mexer nesse arroz com as mãos, pés, passar no corpo para sentir a diferença de cada parte do nosso corpo as diferentes sensações.

Primeiro começamos a sentir o arroz, amassamos os grãos, pegamos com as mãos e derramamos o arroz dentro da bacia, colocamos os pés dentro, sentimos a textura do arroz na perna.

Vamos andar com as bacias pela sala fazendo movimentos ondulatórios com o quadril

Relembramos a última aula que vimos bastante o mar, e fizemos seu movimento, fizemos os movimentos segurando a bacia depois e mexemos o quadril junto com o movimento que o arroz fazia dentro da bacia, para lá e para cá.

Foi uma experimentação bem gostosa de ser feita, todos pareciam bem concentrados, bem voltados para o interno.

Perguntar como podemos dançar usando as bacias

Essa última parte fizemos sem arroz para não derramar pela sala de aula e terem mais possibilidades de se moverem girando ou pulando com a bacia. Chegou um momento que fui fazendo perguntas para que pensassem outras formas de dançar, por exemplo: “Nós podemos dançar com a bacia na cabeça? Quem consegue dançar com a bacia na cabeça?”, “Ah que legal o que a Ana Júlia fez, ela dançou

com a bacia do lado do quadril e segurou com as mãos, vamos fazer igual ela fez também?” E nisso ia surgindo outros movimentos como círculos com os quadris, girar e pular também.

Relembrar a sequência da avó da Moana: Passar a mão nos braços, ir “lá em baixo” e depois abri-los acima da cabeça, ondular o quadril para os lados e utilizar as bacias que dançamos com elas como referência, repetir algumas vezes para fixar.

Registros fotográficos das vivências

Figura 3- Dia do sopro



Fonte: Fernanda Almeida, 2018.

Figura 4- Dia da árvore



Fonte: Luiz Henrique, 2018

Figura 5- Mapa da chuva



Fonte: Fernanda Almeida, 2018.

Figura 6- Bacias, onda do mar e dançar.



Fonte: Maria Angela, 2018

Figura 7- Dia do vento



Fonte: Fernanda Almeida, 2018.

Figura 8- Dia da gota



Fonte: Maria Angela, 2018.

Figura 9- O mapa que a gota faz no meu corpo



Fonte: Luana Aghata, 2018.

Figura 10- Ondas do mar com bacias.



Fonte: Fernanda Almeida, 2018

Depois da Cerejeira

Árvore

*Um passarinho pediu a meu irmão para ser sua árvore.
Meu irmão aceitou de ser a árvore daquele passarinho.
No estágio de ser essa árvore, meu irmão aprendeu de
sol, de céu e de lua mais do que na escola.
No estágio de ser árvore meu irmão aprendeu para santo
mais do que os padres lhes ensinavam no internato.
Aprendeu com a natureza o perfume de Deus.
Seu olho no estágio de ser árvore aprendeu melhor o azul.
E descobriu que uma casca vazia de cigarra esquecida
no tronco das árvores só serve pra poesia.
No estágio de ser árvore meu irmão descobriu que as árvores são vaidosas.
Que justamente aquela árvore na qual meu irmão se transformara,
envaidecia-se quando era nomeada para o entardecer dos pássaros
E tinha ciúmes da brancura que os lírios deixavam nos brejos.
Meu irmão agradecia a Deus aquela permanência em árvore
porque fez amizade com muitas borboletas.*

BARROS, M. Ensaios fotográficos. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

A criação da cerejeira

Era uma vez em um lugar encantado uma árvore que não tinha nome, nem muitas folhas, ela era muito pequena e as outras árvores a ignoravam, ela não tinha nome porque ninguém sabia o que ela era porque ela não dava frutos e seus galhos e folhas eram muito finos. Essa árvore se sentia muito triste e sozinha, mas gostava de morar naquele lugar porque tudo era calmo e muito bonito, ela se sentia privilegiada por fazer parte daquele lugar.

Uma vez por ano um gnomo ia visitar as árvores para cuidar delas regando, podando, fertilizando o solo com bastante mágica. O gnomo quando se deparou com aquela árvore tão frágil e triste ficou curioso em saber como foi que ela parou ali, afinal ele com a ajuda de outros seres é quem plantava novas árvores. Então ele foi conversar com ela:

- Olá senhorita árvore!

- Olá, quem é você?

- Eu sou o gnomo responsável pelo cuidado com as árvores dessa região, e meu nome é Milo, e o seu?

- Ah eu não tenho nome, não sei o que sou, quando acordei cá estava eu a beira desse rio.

- Hum! Que curioso! Bem, vou examinar você e vê o que descobro! Mas antes vou buscar ajuda porque sozinho ninguém faz nada por aqui!

- É mesmo? Isso quer dizer que vou ter um nome e poder dar frutos como as outras árvores?

- É por aí, mas talvez dar frutos não seja muito do seu estilo, talvez sementes... Bem, vamos ver, logo mais voltarei com ajuda.

-Ah! Não vejo a hora Milo!

Milo atravessou a cascata, desviou entre as pedras e desapareceu. A árvore ficou se questionando se ele voltaria mesmo, mas se questionou muito mais sobre quem ela seria, ela não iria se importar caso não fosse uma árvore frutífera, mas ficou imaginando que tipo de frutos ela poderia gerar, quais sabores teriam, ah e quais cheiros preencheriam os espaços!

Enquanto sonhava com seu futuro a árvore observou que o rio que permeava o lugar onde ela nasceu começou a encher muito rápido e se aproximar dela. Começou a se formarem ondas e algumas pareciam estar vivas! As ondas começaram a pular e algumas subiam tão alto que agraciava os cabelos da árvore com os respingos de água.

De repente uma onda grande se aproximou contra a correnteza e todas as ondas se acalmaram, e dessa onda grande surgia um ser moldado por água, com cabelos em gotas que pareciam flutuar e se dirigia em direção a árvore e se apresentou:

- Olá árvore, sou a ondina responsável por essas águas e pela rega das que nascem próximas a mim, assim como você. Meu nome é Amália, e Milo me disse que você não sabe quem é por isso vim ajudar, afinal todos os seres aqui presentes precisam saber quem são porque cada um tem uma função importante, precisamos saber a sua.

- Uai, eu nunca vi alguém como você! Como você vai me ajudar?

- Bem, primeiro vou verificar a sua seiva e tentar descobrir algo.

Amália colocou suas mãos sob a árvore e as águas começaram a permear o tronco, os galhos, folhas e raízes das árvores, e fez até cosquinhas!

-Acredito que você não é uma árvore frutífera, mas sua seiva parece muito doce o que nos dá uma pista de que você pode ser uma árvore perfumada e que pode florescer.

-Ah! Que maravilha! Muito obrigada dona Amália! Fico muitíssimo feliz!

A árvore se mexeu com bastante alegria e naquele momento se não tivesse raízes teria dado pulinhos. Amália disse que foi a única coisa que descobriu e que iria convocar alguém que poderia ajudar mais. A árvore se sentiu muito grata por toda a atenção, suas folhas até cresceram mais, e alguns brotinhos de folhas novas surgiram.

A ondina se despediu e seu corpo foi ficando cada vez mais transparente e virando fumaça até desaparecer.

Logo a árvore começou a sonhar de novo fazendo vários planos e imaginando o que ela poderia fazer, quais flores seriam as suas? Então ela começou a observar o local em que estava e percebeu que nenhuma árvore tinha flores, e que a maioria

tinha frutos e sementes, e a Mangueira floria com flores bem minúsculas e depois com aquela fruta deliciosa.

Enquanto ela observava o espaço viu as nuvens se movimentando mais rápido e o vento começou a mexer suas poucas folhas, o vento começou a ficar mais forte e algumas gotas de chuva banharam a terra, e o vento foi tomando forma e cada vez mais foi surgindo um ser, e ao seu redor se formou um redemoinho em que as folhas secas do chão foram cercando o redemoinho e alguns gravetos também. As gotas de chuva pararam no ar e se transformaram na ondina Amália.

O vento continuou forte e a árvore ouviu uma voz vindo do meio do redemoinho e percebeu que dentro dele havia alguém quase invisível!

- Você é a árvore sem nome? Precisamos agir rápido Amália, logo a primavera chega e você sabe como o tempo passa rápido aqui! As outras árvores já estão quase todas prontas para partirem, e está nem folhas tem direito! Cadê? Cadê ele? Não era uma reunião? Ai quanta demora!

-Nossa como você fala rápido! Quase na velocidade dessa ventania! Como é seu nome?

- Ah sim, essa correria toda e esqueci de me apresentar, meu nome é Olinda, e já vou logo dizendo que eu gosto das coisas que se caminham rápido! Sem tempo para perder! Vamos logo começando essa investigação porque o tempo não para!

Amália deixou que Olinda falasse e se apresentasse, afinal ninguém conseguia parar Olinda quando começava a falar, ela era muitíssima acelerada e como ela mesma disse gostava das coisas que se caminham rápido. Depois Amália explicou tudo para a árvore e disse que Olinda iria ajudar com suas ferramentas. E enquanto explicava à árvore, Olinda já foi a rodeando e despejando um pó verde que tinha um nome engraçado, chamava-se clorofila e seguiu assoprando suas folhas e galhos.

A árvore dava risadas com as cócegas que o vento fazia e foi reparando que seus galhos foram crescendo e ficando cada vez mais forte, e os brotos que Amália havia jogado sua água começaram a crescer e crescer e crescer até que em poucos segundos a árvore já estava com folhas bem verdes escuras e parecia um cabelo cacheado com bastante volume!

Olinda não parou de perguntar sobre alguém que não chegava logo, todos pensaram que era Milo que desapareceu e não havia voltado.

Uma luz muito forte brilhou no céu, parecia vir do próprio sol, mas de repente surgiu um ser muito veloz, era quase impossível notar sua presença, parecia uma faísca de fogo sobrevoando os espaços, até que Amália despejou um jato de água na criatura que por sinal ficou muito estressada!

-Finalmente Kinim! - Disse Olinda para aquela faísca de fogo que agora havia apagado.

-Ah não, não acredito Amália, toda essa entrada triunfal pra você acabar com a graça, olha vou te falar uma coisa, por isso não apareço por aqui, chata pacas!

Amélia não gostou muito do afrontoso e disse logo:

-Pois se saia, vá!

Milo interveio aparecendo com vários cristais nas suas mãos pequenas:

-Ah olha só já começou a baixaria, sinal que o processo por aqui vai ser longo, vamos manter a paciência hein?! Não quero nada por aqui pegando fogo viu Tim? E também não quero lembrar aquele dilúvio todo Amélia, muito menos tempestades de ventos Dona Olinda. Estamos conversados?

Todos concordaram, mas Olinda disse debochada:

-Ah e terremoto? Porque eu me lembro...

Milo a interrompeu dizendo que não era hora para lembrar o passado, já que todos lembravam que Milo havia feito o maior terremoto em uma briga com Tim.

A árvore estava ali plantada olhando tudo acontecer sem entender muita coisa. Milo deu início a reunião.

-Estamos aqui reunidos para curar nossa árvore sem nome que aparentemente precisa de cuidados especiais, pelo que entendi nas minhas pesquisas essa mocinha nasceu aqui por engano, em uma terra onde somos responsáveis por cuidar de cajueiros e mangueiras, agora teremos que descobrir primeiro que tipo de árvore é esta!

Cada um fez sua análise e foram surgindo novas descobertas!

Tim descobriu que ele ainda não havia dado movimento a ela, seu elemento de fogo é responsável por dar o movimento às árvores, mas esse movimento é o

que chamamos de felicidade, ânimo, vontade e desejos. A árvore era muito tristonha e frágil por isso.

Tim então começou a flutuar alguns metros acima do chão formando um fogo enorme ao seu redor e colocou nas mãos uma bola de fogo e foi se aproximando da árvore. Ela ficou com muito medo de ser queimada, mas o fogo foi colocado em seu tronco e absorvido pelas raízes, galhos, o tronco e as folhas. Logo notaram que a árvore começou a mudar de cor e ficou muito mais alta e forte, com galhos e raízes grossas!

Todos ficaram impressionados!

Milo colocou seus cristais debaixo da terra onde a árvore estava e isso fez com que crescesse suas raízes ainda mais e a cor de suas folhas foram ficando rosa cada vez mais.

Amélia e Olinda formaram uma bola de ar rodeada por água e colocaram no coração da árvore para finalizar e juntos perceberam depois de tudo isso que a árvore se tratava de uma linda cerejeira!

A árvore ficou tão feliz que agora sabia o que ela era e que poderia ter um nome assim como as outras árvores!

Todos a abraçaram e também ficaram muito gratos por ter no jardim encantado uma Cerejeira que agora iria fazer parte do pomar em meio, as mangueiras, cajueiros, goiabeiras, acerolas etc... E que isso já não era mais um erro, era um presente na vida!

Os elementais voltaram para seus reinos e afazeres. Logo a Cerejeira que agora não era mais só uma árvore sem nome qualquer, pôde descansar para continuar perfumada e majestosa.

Quando escrevi esse conto pensei apenas numa história para contar só porque as crianças gostavam e ficavam atentas então era uma oportunidade de chamar a atenção para a vivência que iria começar. E aí a Prof.^a Ms. ^a Fernanda Almeida me deu a dica de materializar essa cerejeira para conectar a história com a vivência.

Então antes a contação de história que teria o propósito de ter esse momento para o acolhimento da turma, para chamá-los para se sentarem e ter ali uma conexão com as crianças, agora passaria, além disto citado, a ser abertura de algumas vivências para trazer também experiências sensoriais e a dança, conectar uma proposta a outra, tirar da história elementos que possam ser materializados e dançados.

O grupo de pesquisa foi essencial no destrinchar desse trabalho tanto na prática quanto na teoria, porque nas reuniões também falávamos sobre textos já lidos, indicações de outras leituras e assim fomos consolidando uma troca de saberes.

Dessa forma sigo pensando em quais caminhos serão percorridos depois desse trabalho. Há várias possibilidades e que terei que pescar algumas oportunidades, mas uma coisa é certa, seguirei na curiosidade do universo infantil, acredito nesse trabalho que pode ser desenvolvido e aprofundado em outras perspectivas, revivido e reelaborado, com mais tempo para se pesquisar, com uma mentalidade mais expansiva.

E sobre mentalidade, percebo que a minha mudou muito, minhas vontades e desejos profissionais. Atualmente sou terapeuta em algumas práticas integrativas e se não fosse essas interações, muito possivelmente eu não teria desenvolvido compreensão e empatia, e sem isso não é possível exercer essa profissão com a qualidade que as crianças precisam. A vivência em campo não foi para ensinar algo e sim aprender além da temática escolhida, aprender sobre humanidade, individualidade, autocrítica e autopercepção, ser menos egoísta, valores e acima de tudo afeto.

Abrir espaço para afetar-se e poder afetar, afetar (de afeto), quem sabe, alguém que precisava muito e que o único abraço que ganhou na semana foi o seu,

quem já precisou de um abraço e acolhimento sabe a importância que se tem em um mundo de pouca troca de olhares, de muita conexão tecnológica e pouca presença. Mas não presença física, aparentemente o Covid-19 nos mostrou que a presença está além da matéria, e que o problema central na sociedade é o que fazemos e propagamos nela.

Até aqui o percurso não foi fácil, nada que exija dedicação é fácil, mas quando se tem vontade, curiosidade e interesse genuíno o tempo até passa mais rápido, sentimos falta de uma imersão maior, como quem diz que a profundidade do oceano precisa ser conhecida para ser compreendida. E as transformações que esses conhecimentos nos trouxeram será uma reação em cadeia, irá seguir circulando e talvez sendo ressignificada, dando continuidade ao que já foi concebido que é a experiência, que depois de vivida pode ser vista de vários ângulos.

Esses vários ângulos aos quais pontuo é o fato de que as vivências podem ser direcionadas à produção de um espetáculo, as crianças como intérpretes criadoras ou nós adultos intérpretes do que foi aprendido com elas. Uma via de mão dupla para a descoberta de um processo criativo.

Contudo, há também o intuito de vivenciar o que foi escrito mais pela experiência do fazer artístico e menos pela busca de seu produto final. Ou seja, tudo bem se não for um espetáculo, se não resultar numa mostra ou apresentação artística, podemos ter aqui tantas outras possibilidades de aprendizado que pode não ser atrativo para quem está de fora observando, para os pais e até alguns professores como citei no trabalho, mas é importante e fundamental para a criança, já que são elas a quem deveríamos dar a devida importância, o que ficaram nelas das vivências? Se ficou algo, o que ficou?

Nosso ego muitas vezes dificulta olhar por outros pontos de vistas e também nos culpa por não cumprir as demandas estabelecidas por terceiros ou por nós mesmos e assim nasce a cobrança excessiva ou autocobrança, mas não precisamos cobrar e pressionar as crianças com demandas que são nossas, deixemos que vivam sua infância com todas as possibilidades saudáveis de habitar o mundo e conhecê-lo.

Nós não somos as únicas pessoas interessantes no mundo, somos parte do todo. Isso talvez tire um pouco da vaidade dessa humanidade que nós pensamos ser, além de

diminuir a falta de reverência que temos o tempo todo com as outras companhias que fazem essa viagem cósmica com a gente. (KRENAK, 2019, p. 15)

Com toda certeza isto é um exercício, não é algo que será transformado de um dia para o outro porque existe um compilado de fatores que não permite que isso aconteça, e além de tudo é um trabalho que se inicia de dentro para fora, se não há vontade ou interesse em apresentar essas possibilidades de ensino, dificilmente haverá a concretização dele.

O espaço escolar é delicado quando se trata do nosso discurso enquanto professores, o discurso que propagamos e que pode não ser inclusivo, mesmo estando inseridos num espaço público às vezes nossas falas não são para todos os públicos, em vários sentidos, seja religioso, de gênero, sexualidade.

Atualmente reflito sobre os contos que já inseri nas minhas aulas, falas e algumas atitudes. Hoje eu não levaria contos que tivessem conexões religiosas. Isso gera a possibilidade de um discurso oculto, de um ensino nas entrelinhas, e eu não compactuo com isto principalmente sendo desenvolvido nas idades iniciais para tentar garantir o respeito para com quem está ali e que eu não conheço sobre a vida particular.

O que não quer dizer que deixarei de dialogar dentro da educação sobre temáticas que tenham (socialmente) concepções e preconceitos sobre determinadas culturas, e determinados povos como indígenas e negros, e que são esses diálogos e a forma como são inseridos nas vivências ou aulas que fazem a diferença na hora de desconstruir preconceitos, ou construir uma percepção respeitosa sobre outras esferas, outras realidades sociais, etnias, em geral sobre o outro.

“Saber tem a ver com sabor, saber sensível é exatamente o que nosso corpo faz, saborear o mundo, nós saboreamos o mundo através dos sentidos e temos a construção de um saber sensível” (DUARTE, 2015)

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernanda de Souza; ANDRADE, Carolina Romano de. Dançar com a criança: *um olhar para a composição e criação em dança com a pequena infância*. Revista Científica/FAP, [S.l.], dez. 2016. ISSN 1980-5071. Disponível em: <<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/1110>>. Acesso em: 23 Mai. 2021.

ALMEIDA, Fernanda de Souza, *A Dança Criativa e o espaço de com-vivência: reflexões sobre uma experiência educacional na Educação Infantil*, II Encontro Nacional dos Pesquisadores em Dança, 2011, Acervo digital, Instituto de Artes da Unesp.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. 2000. 233 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/253464>>. Acesso em: 26 jul. 2018.

DAMÁSIO, Antônio. *O erro de Descartes*. São Paulo: Cia das Letras, 1996. O mistério da consciência.

ELIAS, Marina. *Improvisação como possibilidade de reinvenção da dança e do dançarino*. Pós: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da EBA/UFMG, Belo Horizonte, v.5, n.10, p.173-182, novembro de 2015.

FERREIRA, Saralivia Salum. *Dança na Escola: um processo de criação*. 2009. 80 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/251539>>. Acesso em: 14 ago. 2018

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Prática Docente: Primeira Reflexão. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUEDES, Adrienne Ogêda. "O corpo nosso de cada dia: corporeidade e formação de professores." *Revista Teias* 19.52 (2018): 304-315.

GUEDES, O. Arianne. *Dançar, mover, deslocar: o corpo na formação dos profissionais da educação infantil*. Revista Veras, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 48-67, janeiro/junho, 2018.

KRENAK, Ailton. *Paisagens, territórios e pressão colonial. Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 327- 343, jul./dez. 2015.

KRAMER, Sonia. *As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: educação infantil é fundamental*. Educação & Sociedade, v. 27, n. 96, p. 797-818, 2006.

KRAMER, Sonia. *O papel social da educação infantil*. Revista textos do Brasil. Brasília, Ministério das Relações Exteriores, 1999.

LEAL, Patrícia. *Sentimentos em improvisação: consciência, autonomia e dramaturgia.*”. *Corpo em Cena*, v. 4. 2012.

MOLINA, Alexandre José. *Corpo, dança e educação: paradigmas em trânsito*. Anais do V Encontro Científico Nacional de Pesquisadores em Dança. Natal: ANDA, 2017. p. 2-19.

MILLER, C. Jussara. *Qual É O Corpo Que Dança? Dança e Educação Somática para a construção de um corpo cênico*. Tese apresentada ao Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do Título de Doutor (a) em Artes. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elisabeth Bauch Zimmermann. CAMPINAS 2010

OSTETTO, Luciana Esmeralda. *Educação infantil e arte: sentidos e práticas possíveis*. Caderno de Formação: formação de professores educação infantil princípios e fundamentos. Acervo digital Unesp, v. 3, p. 27-39, 2011.

PRICE, Graham. *Em Direção à Autenticidade: encontro com a diferença*. Cad. Cedex, Campinas, vol. 30, n. 80, p. 56-71, jan.-abr. 2010

FERREIRA, Saralivia Salum. F413d *Dança na escola: um processo de criação*. Saralivia Salum Ferreira. – Campinas, SP: [s.n.], 2009